Domingo, 21 de Novembro de 1965 N.º 53-54

O DESPERTAR

Boletim Religioso
da
IGREJA LUSITANA CATÓLICA APOSTÓLICA EVANGÉLICA

MENSAGEM EPISCOPAL

HONESTIDADE E CORAGEM

Rev.mo Bispo D. Luís Pereira

IMPRESSIONARAM-ME profundamente as palavras que li há bastantes anos na versão inglesa dum livro de Döllinger, escrito antes do 1.º Concílio do Vaticano e portanto quando ele ainda estava em comunhão com Roma. Eram estas: «O que distingue o verdadeiro teólogo é a sua prontidão em aprofundar, examinar com assiduidade incansável, e não recuar aterrorizado se a sua investigação o levar a conclusões que não são bem-vindas ou não se harmonizam com noções preconcebidas ou com pontos de vista favoritos».

Passados pouco mais de dez anos, Döllinger alinhava com o Movimento Velho-Católico; tinha então já mais de setenta anos, aquela idade em que geralmente falta a coragem para mudar, sobretudo quando a mudança representa o que ela moralmente representou para Döllinger. Teve, podemos dizer, a coragem que talvez faltasse ao punhado de Bispos que recusaram aceitar o dogma da infalibilidade papal, mas que depois, um a um, se foram submetendo todos.

Também D. Joaquim dos Santos Figueiredo, cujo centenário se comemora, quando a sua investigação o levou a conclusões que não se harmonizavam, primeiro com a sua posição como clérigo da Igreja Católica Romana e depois com o pastorado duma Igreja Presbiteriana, não recuou. Ingressou na Igreja Lusitana, onde encontrou finalmente, como vários outros antes e depois dele encontraram, o seu verdadeiro lar espiritual.

D. Joaquim dos Santos Figueiredo

Só quem já fez esse género de peregrinação é que pode ter ideia clara da coragem necessária, em circunstâncias dessas, para se ser honesto consigo próprio e seguir o caminho que a consciência nos indica, principalmente quando isso significa o desgosto de pessoas queridas e a separação de coisas que muito se prezam.

De certo que não havemos de ser como «meninos inconstantes levados em roda por todo o vento de doutrina» (Efésios 4. 14); mas devemos ter horror à fossilização intelectual, ao julgar que já não há mais nada que aprender, ao pensar que o Espírito Santo deixou de estar presente no meio do Povo de Deus para o guiar em novas visões da única Verdade.

A Igreja Lusitana se quer ser fiel à sua vocação de Igreja Católica Evangélica, de «Ecclesia semper reformanda» não há-de ficar parada naquele imobilismo exegético e litúrgico que é característica comum do integrismo romano e do fundamentalismo protestante; ela há-de estar pronta a avançar para o alvo que o Senhor lhe for descobrindo, que não será nunca a negação do seu passado, mas antes o seu desenvolvimento normal e indispensável.

NÚMERO COMEMORATIVO DO CENTENÁRIO DO BISPO FIGUEIREDO

EDITORIAL

Joaquim dos Santos Figueiredo foi uma figura de destaque na história da Igreja em Portugal.

«O Despertar» associa-se às comemorações do centenário do seu nascimento, dedicando-lhe este número.

Padre da Igreja Católica Romana e cura de Santa Cruz de Coimbra, foi chamado pelo seu Bispo acerca duns artigos que escreveu no «Alarme» de Coimbra sobre o ensino no Seminário. O seu único propósito era chamar a atenção para uma preparação mais cuidada e mais evangélica dos sacerdotes, daqueles que mais directamente, em contacto com o povo, são responsáveis pela sua educação cristã. Porém preferiu sair a retractar-se, como lhe era pedido, do que sentia ser a voz da sua consciência que sinceramente em Cristo procurava a verdade, o caminho e a luz.

Ao sair de Roma, ainda que dessassombradamente, fê-lo duma maneira respeitosa e sem a mais pequena sombra de rancor. Como Lutero, na dieta de Worms diante dos altos dignitários da Igreja, nada mais, porém, tinha a dizer. Este facto deu brado na pequena cidade universitária onde D. Joaquim era bem conhecido e estimado em todas as camadas sociais.

Foi a sua firmeza, perante as consequências que a sua atitude acarretaria, foi a sua isenção absoluta perante as conveniências materiais, foi a sua atitude digna, coerente com a nobreza do seu carácter, que deu a este acontecimento, um significado extraordinário. Tivesse ele hesitado, tivesse-se desviado do caminho que havia traçado, do que lhe ditava a sua consciência, e toda a sua vida futura teria sido outra. Além disto, a Igreja Lusitana não teria tido o impulso da sua actuação. São estes momentos que fazem a história.

Bispo-eleito procurou sempre defender com denodo os princípios que nortearam, em 1880, os restauradores da Igreja Lusitana, orientando-a no mais elevado sentido reformador e tradicional. Durante o tempo em que presidiu à Igreja, ela se afirmou no seu carisma como movimento católico nacional, de alto significado na evangelização do povo português.

E não foi só a Igreja Lusitana que beneficiou do brilho da sua inteligência, da sua cultura, da sua personalidade bem vincada por uma fé grande em Deus. Todo o Movimento Evangélico em Portugal sentiu a sua influência, o seu bom senso, o seu desejo de paz e compreensão, a sua estima. A sua convicção profunda na missão da Igreja Lusitana não o impediu de com tolerância e amor, cooperar e trabalhar com todas as Igrejas Reformadas e em todos os movimentos ecuménicos, nos jornais evangélicos de diferentes denominações, nas Uniões Cristãs, na Aliança Evangélica, de que foi seu primeiro presidente, nos organismos ecuménicos internacionais predecessores do Conselho Mundial de Igrejas, etc., etc.

Este foi o homem que hoje homenageamos.

Que a sua vida e o seu exemplo nos inspire numa maior consagração pela Palavra de Deus, num maior trabalho e sacrifício pela expansão do Reino de Deus.

NOTAS E COMENTÁRIOS

Paulo Agostinho

D. Joaquim Santos Figueiredo

«O Despertar» associa-se hoje às comemorações do centenário do nascimento de D. Joaquim dos Santos Figueiredo, 1.º Bispo-eleito da Igreja Lusitana (1865-1937).

A sua vida constitui toda ela um exemplo, pela luta que sustentou em defesa do que sentia ser a voz da sua consciência de homem cristão e livre.

D. Joaquim possuia um carácter íntegro e austero, mas ao mesmo tempo de uma bondade natural, simples, acessível. Através das situações as mais difíceis conseguia ser coerente consigo próprio e espontâneo nas suas decisões. Foi igualmente um «Homem de Paz», como era de uso então chamarem-no. Tratava todos com igual amor, com o mesmo carinho e compreensão ou fossem pobres ou ricos, cultos ou iletrados, amigos ou mesmo inimigos, e estava sempre pronto, quando necessário, a estabelecer a harmonia entre os homens, com tacto, prudência e respeito humano.

Era igualmente um homem de fé. Nos seus escritos transparece a sua confiança total no poder de Deus, a sua esperança na Divina Providência. Amava o povo português desde o tempo em que sacerdote católico-romano diligenciava, com inteireza e sinceridade, servi-lo, amá-lo e levá-lo aos pés de Cristo.

A sua saída da Igreja de Roma foi resultado de uma evolução do seu espírito por uma penetração mais profunda do Evangelho, por um conhecimento mais esclarecido das necessidades da Igreja em dinamizar a sua acção no ministério da Palavra e em apresentar Cristo como único medianeiro entre Deus e os Homens.

Até então, mesmo como padre católico romano, lutara sempre, aberta e corajosamente, pela instrução do padre, por um ensino mais adequado do Seminário, por uma melhor educação do povo, por um regresso à Bíblia.

A sua luta porém não resultou nos arraiais da Igreja de Roma pois, como Lutero e outros Reformadores, teve de a abandonar.

«Os senhores que ocupam os lugares culminantes da Igreja, nunca poderão perdoar a um sacerdote tanta franqueza e tão largos voos do pensamento» — dizia ele no seu último artigo que escrevera no «Alarme» de Coimbra, como padre católico em 28 de Fevereiro de 1892. (1) E acrescentou: *«mas havemos nós porventura esperar que nos façam novas exigências de categóricas retractações sem subterfúgios?... De maneira alguma. Por consequência em tal conjuntura achamos preferível a tudo não exercer, mais as funções sacerdotais, e assim acabam ameaças, evitam-se tempestades, previnem-se conflitos e fica apaziguado o nosso espírito.*

Cheio de um novo entusiasmo, animado pela voz firme da sua consciência e confiante do seu valor intrínseco, foi leccionar para o Porto, deixando amigos, família e abandonando a sua terra natal, Coim-

O DESPERTAR

BOLETIM RELIGIOSO DESTINADO AOS FIÉIS DA IGREJA LUSITANA

Director — L. DE FIGUEIREDO

Corpo Redactorial:

SAUL DE SOUSA — Redactor principal
JOÃO SOARES DE CARVALHO
DAVID RODRIGUES PEREIRA

Correspondentes:

Porto — A. FERREIRA ARBIOL
Rua do Cativo, 6 — Porto

Brasil — OCTACÍLIO M. DA COSTA
Edifício Pio XII, Apt. 207 — Petrópolis. Rio de Janeiro

Redacção — Calçada das Lages, 6 — Lisboa

Administração — F. V. D' OLIVEIRA — Rua do 1.º de Maio, 54, 2.º — V. N. de Gaia

Composição e impressão: Empresa Técnica de Tipografia, Lda. — Vila Franca de Xira — Tel. 163

NOTA: Toda a permuta deve ser enviada à Redacção.

bra, onde vivera até então. Este padre isolado mas de ânimo forte, simples, mas de uma personalidade bem vincante, trocou sem hesitações a sua posição social, uma situação prometedora com perspectivas na hierarquia da Igreja Romana — assim nos foi testemunhado de viva voz por altas individualidades coevas — pela paz do seu espírito, pela verdade do Evangelho.

Um ano mais tarde foi convidado para coadjutor do ministro da Igreja Metodista, o rev. Moreton, onde algumas vezes havia já sido incitado a dar o seu testemunho como cristão. Igualmente tinha já sido contratado para inspeccionar e orientar as diferentes escolas primárias desta Igreja, espalhadas pela cidade do Porto.

Estava feita a sua adesão à Igreja Reformada em Portugal, onde depois foi sempre até à morte (1937) um seu dedicado servo. Combateu numa larga publicidade jornalística, mas sem ódios pessoais nem rancores, os erros de Roma, animado pela reforma desta Igreja e pela conversão a Cristo do povo português.

Uniu-se depois à Igreja Lusitana, que, pela sua organização católica e apostólica e pelas suas características tradicionais, melhor se ajustava às necessidades espirituais do nosso povo. Nesta Igreja as suas altas qualidades de organizador, de jornalista, de pregador, de pastor de almas, manifestaram-se em toda a sua pujança.

Este foi o homem!

Um homem que lutou pela verdade Evangélica, pelo alargamento do Reino de Deus, por um Portugal para Cristo, por um Portugal maior em justiça e em amor.

O seu primeiro encontro com a "Bíblia Protestante"

D. Joaquim não pertenceu à plèiade dos padres (2) que em 1880 ajudaram a reorganizar, juntamente com leigos e ministros de Igrejas Evangélicas, existentes já ao tempo em Portugal, a Igreja Lusitana (3). Nessa altura ainda era aluno do Seminário de Coimbra e nada sabia da Igreja Reformada. Sua irmã mais velha, Mariana, que tinha sido educada num convento, e cujo marido, ao tempo, era dono de uma pensão em Coimbra, tendo encontrado em sua casa uma Bíblia de edição protestante, deixada por acaso ou intencionalmente por algum dos hóspedes, e não querendo nem nela tocar, entregou-lha para que ele a queimasse. Este auto-de-fé não se realizou porque, querendo verificar com os seus próprios olhos, à medida que fosse estudando teologia, onde é que os protestantes deturpavam os versículos (4) em que a fé católica romana se baseava, nada conseguiu encontrar que fosse contrário ao que se achava na Vulgata Latina. Daí o seu espanto e a sua curiosidade. Esta só mais tarde foi esclarecida com a leitura de um livro evangélico (5) encontrado por acaso entre um montão de papeis velhos. Compreendeu então a razão por que a leitura da Bíblia não era livre entre os fiéis e por que se acusava de falsificadas e truncadas as Bíblias de edição protestante. Há coincidências extraordinárias...

D. Joaquim só aderiu à Igreja Reformada em 1892 e entrou no movimento da Igreja Lusitana em 1899. Ainda que não fosse portanto um dos restauradores desta Igreja, foi todavia um dos homens que mais contribuiu para a sua consolidação pela maneira como dirigiu a Igreja até à sua morte em 1937.

O seu amor pela Bíblia

Era plena a sua confiança no poder da Palavra de Deus. Em todos os seus escritos manifestara a sua convicção de que era necessário expandir os ensinamentos da Bíblia e de ministrar a Palavra de Deus directamente ao Povo, convertendo-o à doutrina de Amor e de Verdade do Evangelho e alheando-o de superstição, fanatismo, idolatria e da ignorância das coisas de Deus. Na sua longa bibliografia jornalística evidenciava com uma constância de apóstolo o valor das Sagradas Escrituras e a sua inspiração divina, e indicava-a como sendo a regra da Igreja, a única regra da Fé. Repetia muitas vezes do púlpito a célebre frase dos Reformadores: «A Bíblia e só a Bíblia é a religião dos protestantes».

Dava muita importância às aulas bíblicas que se efectuavam nas paróquias que superintendia. Ele mesmo, por vezes, as ia dirigir com zelo manifesto. Deixava os membros dissertarem à vontade sobre pontos que ele próprio escolhia, suscitando discussões, excitando o interesse e a curiosidade pelo estudo das Escrituras. No fim de todos terem dado a sua opinião, Santos Figueiredo com o saber e a autoridade que todos lhe reconheciam, dava o seu parecer sobre a passagem bíblica em discussão, expondo as suas dificuldades e esclarecendo a sua interpretação, dando a conhecer o que os vários exegetas haviam dito sobre o assunto.

Coimbra, cidade universitária de Portugal, onde nasceu D. Joaquim e onde se passaram todos os acontecimentos que o levaram a sair da Igreja Romana

A Bíblia foi a causa de toda a sua evolução espiritual. Se não é a Bíblia que sua irmã lhe dera para queimar, o interesse pelo seu estudo não teria aparecido tão cedo e a luz que o seu coração procurava com tanta ansiedade, não a teria tão fàcilmente encontrado.

Finalmente essa luz lhe apareceu. A Bíblia apontou-lhe Cristo como Luz do Mundo. E essa Luz o guiou até ao fim, como farol divino, enchendo-lhe o coração de tranquilidade e confiança.

Como ele gostava daquele seu querido hino (6) que no dia do seu enterro, junto à campa, todos cantaram com solenidade e comoção:

Luz do Mundo, Jesus Cristo,
Vem dissipa as ilusões;
Tira o véu dos nossos olhos;
Ilumina os corações
Para ver-te, para ver-te;
Cumpre nossas orações!

Ele próprio, sobre uma música (7) do seu filho Eurico de Figueiredo, escreveu um hino que é uma revelação do seu estado de alma, da necessidade dessa luz, síntese da sua conversão. Termina assim:

Foi um novo nascimento,
O Senhor seja louvado.
Deu-me Cristo, Luz e Vida.
Luz e Vida eu tenho amado.

A sua integridade como cristão

«Nem todo o que me diz Senhor, Senhor! entrará no Reino dos Céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos Céus» (S. Mateus 7. 21).

Nesta máxima de Cristo está a real concepção da vida espiritual, dinâmica, activa. «Fazer a vontade do Pai», é agir actuando e servindo.

O Bispo Figueiredo foi padre por vocação. Quando seus pais lhe sugeriram entrar no Seminário, ele aceitou-o com vontade e alegria, integrado já no desejo de auxiliar o seu semelhante. Toda a sua vida de estudante foi uma busca do verdadeiro sentido do ministério da Igreja, da melhor forma de educar os crentes, de servir a Deus e amar o próximo. Mais tarde, já como padre, evidenciou-se na luta por uma melhor educação espiritual dos sacerdotes, por uma preparação mais cuidada, mais objectiva, sem fanatismos que desviam do verdadeiro sentido do Evangelho.

A Bíblia que lia devotamente, o orientou sempre no seu caminho. Quando o Bispo-Conde, que era seu Amigo e a quem como Amigo devia tanto, lhe pediu que se retractasse do que havia escrito em certos artigos no jornal «O Alarme», artigos que todavia nada continham de subversivo contra a Igreja, mas ùnicamente revelavam um espírito de reforma, o Padre Figueiredo escreveu-lhe, respeitosamente, uma carta em que dizia: *«Meditei profundamente na resposta que tinha de dar a V. Ex.ª. Não respondi logo, porque quis pensar e pensei: pensei na minha dignidade e pensei no interesse; pensei no altíssimo sentimento de honra e pensei na vida material. A carne designava-me prudentemente o caminho mais agradável e convidava-me a segui-lo, mas a consciência e a razão opunham-se a isso. E então uma luta terrível se estabeleceu.*

Veio em meu auxílio o Apóstolo que resolveu divinamente a questão, ensinando que «a prudência da carne é morte e a prudência do espírito é vida e paz» e que aqueles que vivem segundo a carne na ofensa à sinceridade, procedendo assim com desprezo da verdade, não podem agradar a Deus. Estava pois traçado o caminho para o meu procedimento» (8).

E mais adiante, nesta mesma carta, dizia que, não o acusando a sua consciência de cometer falsidades nos seus artigos, lhe

era impossível destruir na substância o que havia escrito, ainda que estivesse pronto a retirar qualquer frase menos respeitosa que involuntàriamente lhe tivesse saído da pena, traindo assim o seu pensamento.

E os artigos continuaram a sair.

O Bispo-Conde ainda o chamou. No fundo, o seu superior hierárquico admirava-o e estimava-o, e pensava tão sòmente em o afastar para uma paróquia longe de Coimbra, separando-o do meio citadino.

Foram horas terríveis essas por que passou. Mas acabou por decidir, renunciando às suas funções sacerdotais. O seu caminho ditado pela sua consciêcia estava traçado por Deus. E Deus o abençoou, chegando a ser eleito Bispo da Igreja Lusitana Evangélica.

Era assim desta forma elevada o seu carácter cristão.

O seu amor pela Igreja Lusitana

(9) «Depois da sua passagem pela Igreja Metodista e pela Igreja Presbiteriana (1893/1899) aderiu à Igreja Lusitana, com a qual muito simpatizou desde que tomou conhecimento da sua existência»,

«Ao grande espírito de Santos Figueiredo figurou-se-lhe que a alma enferma do povo requeria uma meditação mais adequada à sua índole e tradição. Moldes religiosos forjados em outras terras e filhos de condições sociais diversas das de Portugal, só muito dificilmente se adaptavam à mente do povo, e ainda assim com o risco sério de o desambientar no seio da própria Pátria».

«Houvera em séculos passados, na península, várias Igrejas Livres, e entre elas, a Igreja Lusitana. Um punhado de homens, aparentemente com pouco êxito, estava-se esforçando na restauração no país dessa vetusta Igreja».

«Eis pois aí um meio de reformar a Igreja no país, sem sair fora das legítimas e piedosas tradições da nacionalidade! Entusiasmado, Santos Figueiredo, entrou neste movimento de reforma e evangelização, dentro das ideias que o animavam desde que, então padre, proclamava os seus ideais de levar Cristo ao coração dos portugueses. Durante perto de 40 anos dedicou-se a esta causa que para ele valia mais que a própria vida».

«Não foi sem espinhos a carreira. A inércia, a rotina, a incompreensão das turbas e essa outra incompreensão, não menos de temer-se, que é a dos que deviam compreender, mas não querem ou têm medo de compreender — tudo isto teve de enfrentar. Como todo o paladino da verdade, ele teve também que pagar o seu tributo à desconfiança e ao cepticismo das massas. Mais de uma vez a suã vida correu risco perante as turbas ignorantes.

«Mas a sua alma superior não guardava jamais ressentimento. D. Joaquim compreendia e perdoava. E a sua eleição para Bispo da Igreja Lusitana marcou a primeira etapa vencida de uma obra gigantesca que vem procurando, com tenacidade, a ressurreição espiritual da nação. Tão humilde como Bispo-eleito, como o fora como padre nos primórdios da sua gloriosa carreira, D. Joaquim deixou atrás de si um rasto luminoso, um exemplo a imitar de inteira fidelidade a uma visão celestial. Realizou uma obra, jamais esmorecendo ante as dificuldades que por vezes surgiram à sua frente. E a Igreja Lusitana, com o seu destino traçado e iluminado pelas nobres vidas que já se extinguiram, para ir brilhar mais além, como a de D. Joaquim e outros tantos que deram tudo por tudo, pode encarar impávida o futuro. Uma obra que foi firmada na Rocha dos Séculos e cujas raízes vão receber a seiva às tradições pias de um passado que se perde nos tempos apostólicos, há-de triunfar finalmente, se não está triunfando já em certos movimentos de independência e liberdade religiosa que se está esboçando já na consciência nacional».

«As grandes causas vencem sempre, embora nem sempre exactamente pela forma por que esperamos; e os seus nobres paladinos, que viveram e morreram por elas, são o penhor perene de uma vitória imortal».

(1) — Ver artigos no jornal «O Alarme» de Coimbra nos anos de 1891 e 1892, o qual pode ser consultado na Biblioteca Municipal de Coimbra.

(2) — Os padres que cooperaram na reorganização da Igreja Lusitana foram, entre outros, o abade de Silgueiros, P. Henrique Ribeiro (irmão do poeta Tomaz Ribeiro), o ex-capelão da Marinha, P. Costa e Almeida, o ex-capelão da Igreja do Loreto, P. José Nunes Chaves, e o famoso pregador P. Guilherme Dias.

(3) — Nem todas as Igrejas Evangélicas existentes então aceitaram o convite para se reunirem todas numa acção comum na Igreja Lusitana que se restaurava. As que se reuniram foram, de certo modo, as que já tinham aceitado o governo episcopal e a liturgia, como dois elementos extraordinários de união entre cristãos, conclusão a que têm chegado muitos dos movimentos de união últimamente organizados entre Igrejas da Reforma. (Ver artigo sobre o relatório da comissão de união das Igrejas Congregacionalistas, Presbiterianas e Metodistas da Austrália, que nos surpreende pela serenidade, franqueza e simplicidade como tudo foi estudado. — Verbum Caro n.º 74 — pág. 30 — 1965).

(4) — Ver prefácio dos editores do Novo Testamento, traduzido em português, segundo a Vulgata Latina, por P. Fr. Joaquim da Nossa Senhora da Nazareth, Bispo de Coimbra, (Imprensa Nacional, 1875), em que se lê: «Os protestantes assalariados pela sociedade bíblica de Londres, andam-nos metendo à cara Bíblias em que se dizem quantos disparates há contra a religião (...). Bíblias falsificadas, viciadas, truncadas»!

(5) — O célebre livro «Lucília» do teólogo da Igreja Reformada Francesa, Adolfo Monod.

(6) — Hino n.º 111 da Colecção «Salmos e Hinos».

(7) — Esta música não acompanha este hino publicado na colecção de «Salmos e Hinos» com o n.º 531. O compilador achou-a talvez pouco sacra. Erro a nosso ver. A música popular foi apanágio dos corais de Lutero, que revolucionou a música sacra, criando novas formas, e entrando na história da evolução musical. A música em questão de Eurico de Figueiredo, composta aos 13 anos, ele próprio considerado um talento musical que não desabrochou completamente por circunstâncias várias — essa música, ainda que simples, tem sobriedade e contorno musical, sem banalidades comuns. Destas banalidades não estão isentos muitos hinos da famosa colecção de «Salmos e Hinos», colecção muito conhecida e usada tanto em Portugal como no Brasil.

(8) — Ver carta escrita ao Bispo-Conde de Coimbra em Novembro de 1891, publicada no Opúsculo «Cristianismo e Ultramontanismo», 1892, Porto.

(9) — Neste capítulo em que pensámos dizer algo sobre o seu Amor à Igreja Lusitana, aproveitámos por todos os motivos, o que seu filho já falecido, Prof. Eurico de Figueiredo, então escrevera no «Aleluia», jornal da «Igreja Católica Livre», quando do seu falecimento.

Confusões... naturais!

Na euforia respeitável de terem atingido a maioridade da sua Igreja, alguns ainda não se sentem à vontade nos horizontes largos que possuem presentemente.

Assim se explica uma ou outra frase precipitada que, sem querer, sai ao falar de outros que, há muitos anos, desde 1880, usufruem as regalias e as responsabilidades de se governarem a si próprios.

Isto vem a propósito de certa frase, vinda em publicação estrangeira, numa entrevista sobre o protestantismo em Portugal, em que somos chamados anglicanos, com o sobrenome de lusitanos. *Les anglicans, appellés lusitaniens* (...).

Este pequeno reparo é feito sem animosidade e com bonomia. Só lamentamos o tempo perdido a escrever estas linhas, o qual queríamos inteiramente livre para os abraçar efusivamente.

ERRATA

De vez em quando, os nossos leitores têm de nos desculpar de uma ou outra gralha que escapa No número anterior, o penúltimo parágrafo do Editorial, deve ler-se: «Saibamos discernir o que possa travar por inércia o dinamismo da Igreja Lusitana que já na sua concepção, em 1880, foi percussora de tantas situações que hoje vemos realizadas nas Igrejas Irmãs».

Antologia Devocional

DO ATEISMO...

Os propagandistas de doutrinas anti-religiosas fazem sempre maior colheita nos centros, em que é grande o enfraquecimento espiritual por motivo da decadência de uma religião inferior e concomitante corrupção de costumes.

Em conferências de propaganda anti-religiosa é costume diante duma assembleia, constituída na sua grande maioria de pessoas iletradas, fazerem-se em nome da ciência muitas afirmações ateísticas, o que é causa duma grande desorientação intelectual.

Quantas vezes temos tido ocasião de encontrar um homem analfabeto, ou possuidor duma instrução rudimentar, o qual se proclama ateu ou livre-pensador, negando a existência de Deus, do céu, do inferno, da alma e da salvação, em nome da ciência?! E quantas vezes em nome da ciência se afirma que todas as religiões são iguais, e que o pensamento repele toda a ideia religiosa?!

Nunca o ateísmo achou na alma humana fundamento para a sua estabilidade. E por isso acontece que o ateísmo e o indiferentismo morrem sempre em virtude duma força superior, que domina a alma e o coração. A terrível corrente anti-religiosa, que se manifestou na idade média ao lado do grande fanatismo das multidões, desaparece com a Reforma da Igreja no século XVI (...)

J. Santos Figueiredo

«Será já o fim da Religião»? — Porto 1911 — pág. 11

O PODER DA DOUTRINA DE JESUS

Fazer depender a salvação de certos actos é materializar e corromper a sublime doutrina cristã. A doutrina de Jesus é toda do interior: suavisa e regenera por si só, produzindo por influência divina as acções santas. Diz o Apóstolo que, como todos pecamos e necessitamos da glória de Deus, gratuitamente somos justificados pela Sua graça, pela redenção que há em Jesus Cristo. E' assim que se revela Deus em toda a Sua misericórdia, na Sua suprema bondade, no seu infinito amor para com todas as criaturas!

Sigamos pois a doutrina de Jesus Cristo, como Ele a ensinou e a fez compreender aos homens, e há-de ser ela que nos há-de livrar da escravidão do pecado e da escravidão do erro, porque a palavra de Jesus é a verdade e pela verdade avançaremos sempre na perfeição.

Amemo-nos uns aos outros, e esta valorosa máxima evangélica nos trará a paz espiritual, fará a nossa felicidade. Vivamos no amor de Jesus Cristo, amor grande, amor imenso, amor infinito, o qual se manifestou na cruz, no extraordinário e único sacrifício pelos pecadores (...)

J. Santos Figueiredo

«Liberdade de Consciência» — Porto 1892 — pág. 23

Vidas que deixam rastro

A propósito de dois Centenários

Talvez pareça descabido e algo pretensioso referir-me aqui a dois homens, entre os quais mediaram séculos, como se de facto tivessem sido coevos e, sobretudo, estrelas de primeira grandeza duma mesma constelação. Refiro-me a João Huss, cujo 550.º aniversário da sua morte se comemora este ano, e a D. Joaquim Figueiredo, do qual celebramos também este ano o primeiro centenário da sua existência.

Não vou traçar as suas biografias. Outros o têm feito com mais mestria e arte do que eu poderia fazer. Limitar-me-ei apenas a destacar alguns pontos de contacto, que julgo existirem nas vidas dos dois homens de Deus, acima mencionados.

Não referirei as diferenças existentes entre eles. Diferentes somos todos uns dos outros, pois Deus jamais criou dois seres absolutamente iguais. Toda a Sua criação parece indicar que Ele se compraz na diversidade. Deus imprimiu em cada um a sua identidade própria. Cada pessoa tem alguma coisa de semelhante a Deus, devido à sua origem divina, mas também tem bastante da idiossincracia e características que lhe são próprias, marcas indeléveis que o assinalam como produto do meio em que vive, do cenário histórico e circunstancial em que actua e do qual faz parte. Não se pode estudar ou criticar, com justeza, a vida de quem quer que seja, destacando-a do seu contexto histórico de tempo e espaço, que de facto influiram grandemente nas determinações da sua vida. Cada homem é, de certo modo, produto da sua geração e herdeiro do seu tempo.

Salvaguardando, pois, as diferenças naturais e históricas em que actuaram João Huss e Santos Figueiredo, vejamos se existe algum paralelo ou, talvez melhor, algum ponto de contacto, que seja como que um denominador comum na vida desses dois grandes cristãos.

Em primeiro lugar, a descoberta da Bíblia e a coerente atitude de ambos para com ela.

Este é, creio eu, o ponto fundamental, o fulcro, donde promana toda uma série de consequentes e inevitáveis acontecimentos. Ambos sacerdotes, houve um dia em que para eles a Bíblia se lhes revelou como a Suprema Autoridade em matéria religiosa, à qual tinham de obedecer, antes que a qualquer outra (Act 5. 29). Que os escritos e ensinos de Wyclief,

(Continua na pág. 17)

Um ambiente social formativo

Rev. Cónego Eduardo Moreira

O homem faz o ambiente ou o ambiente faz o homem? É este um tema que ocupou largamente Leão Tolstoi, chegando, assim me parece, à conclusão de ser o «homem-Napoleão» produto do «ambiente-Europa». Símbolos a generalizar.

Que todos temos parte na formação do ambiente familiar, do profissional e até do nacional, quando em acção colectiva, quem o poderá negar? Mas que a essa mesma acção formadora do ambiente é o mesmo ambiente que no-la sugere, faculta e possibilita, também é verdade.

Estas rápidas e leves considerações, trá-las a mente ao bico da minha pena quando hoje penso na passagem, por quarenta anos da sua útil vida na Igreja, do rev. Joaquim dos Santos Figueiredo, o terceiro presidente do Sínodo da Igreja Lusitana restaurada, depois de Pope e Cândido de Sousa, e o segundo Bispo eleito pelos cristãos reformados portugueses, depois de D. Angelo Herreros de Mora.

O ambiente, sim... estudemo-lo um pouco, que vale a pena.

Tinha Santos Figueiredo dez anos quando saíam à luz «Os Lazaristas» de António Enes, que tanto exacerbou o P.e Sena Freitas. Que ruído imediato! Que burburinho por muito tempo, no livro, no jornal e na ribalta! Ao entrar no Seminário com catorze anos, quase uma criança, fervia ainda a luta entre o ilustre político e literato e o excelente prosador e vigoroso polemista que foi Sena Freitas. Nada disto, contudo, poderia impressionar o adolescente insulado nas paredes do Seminário; mas o ambiente formava-se. E aos catorze anos era-lhe ainda impossível saber, nem tal lhe interessaria, que alguns padres portugueses inconformados ou progressistas, elegiam seu bispo um outro padre espanhol que deixou marcas, hoje quase esquecidas, de talento, bondade e caridade fora do vulgar: Angelo Mora.

Isto quase nada representava então na vida nacional; mas a organização do Sínodo Lusitano, como restauração duma velha cristandade, era germe, era rastilho, duma força que ainda hoje está escondida em Deus.

Pelos dezassete anos dão-se na sua vida os dois conhecidos incidentes, do encontro do livro de Adolfo Monod «Lucília» e da Bíblia que uma irmã piedosa e naturalmente timorata lhe dá para queimar. Em vez de o fazer, a sua leitura virá a queimar, pela vida adiante, as aderências de intromissão religiosa inadequada nas tradições do nosso povo.

Termina pelos vinte anos o curso do Seminário, e decerto traz vincadas no espírito, de alguma forma, as impressões do Centenário de Camões, de 1880, da Questão da Sebenta, de 83, e do choque ultraconservador que essas manifestações liberais iam provocando e levariam à homologação do Código Penal liberticida de 1886.

Excessos de um lado e de outro se produziam, quando ele era, em 1887, ordenado presbítero: as primeiras edições da «A Velhice do Padre Eterno», de Junqueiro, e de «A Relíquia» de Eça de Queirós. Três anos depois, o «ultimatum» do governo *tory* de Londres ao de Portugal trazia uma enorme efervescência política e social ao nosso país, até à revolta do Porto e ao seu esmagamento. O que se passa no espírito do jovem padre, de ânimo leal e grande sentido de dignidade, poderá ser estudado nos seus artigos no «Alarme» do Porto, de 1891 e 92, por quem quiser e puder proveitosamente aprofundar este interessante assunto. De 28 de Fevereiro de 1892 é a Carta ao Bispo-conde, que afirmara não haver na sua diocese-feudo nenhum padre republicano... Quantos dias de estudo e meditação, quantas noites de insónia, quantas horas de luta terá tido, só os arquivos de Deus o registarão. Mas a luz fez-se, primeiro em lucilações, em centelhas intermitentes, em chispas que queimam, em focos que encandeiam; e por fim nessa luz serena que foi o elemento essencial da sua vida, em contraste com o vigor da sua polémica.

Guerra Junqueiro (eis a outra face do poeta da «Velhice...) publica «Os Simples» em 1892. Qual foi o homem culto que entre nós o não terá lido! Nesse mesmo ano, o nosso jovem padre é aceito como ministro da Igreja Metodista do Porto, onde pregou o seu primeiro sermão, já como presbítero reformado, e publica o livro «Jesuitas e Protestantes», em nome de Joaquim de Sá Pereira do Lago. Pràticamente, uma espécie de heterónimo, à maneira de Fernando Pessoa.

Vem aí, em 1895, o Centenário de Santo António, com o escândalo de certo recrutamento para a procissão em Lisboa, que os adversários políticos dos governantes tornariam tristemente célebre.

Quantas consciências se ferem quando políticos de qualquer cor tomam iniciativas pseudorreligiosas!

Em linhas nítidas se acentua a acção do novo reformado, de combatividade anti-ultramontana, lógica e contundente mas sempre elegante, a par do anti-clericalismo generalizado, por vezes duro e agreste, dos liberais do seu tempo, que não encontraram a linha de libertação espiritual de que Santos Figueiredo teve a noção. Sirva-nos de paradigma a carta dele a José Maria de Alpoim, de 1899, e, onze anos depois, a maneira como se manifestou acerca da Lei da Separação das Igrejas e do Estado, esse documento imaturo, destinado a irremediàvelmente caducar.

Afinal esse ambiente que encontrou, no evoluir leal e ponderado do seu pensamento, vinha de muito mais longe. Era de 1854 a bula de Pio IX «Ineffabilis Deus», que definiu o novo dogma da «Conceição imaculada de Maria», aliás contrariado por séculos, por teólogos romanos, entre eles Tomás de Aquino; de 1864 a bula «Quanta cura» do mesmo papa, onde se contém o «Syllabus errarum», preparado pelo que seria mais tarde Leão XIII, contra o liberalismo, a tolerância mútua dos cristãos, aí denominada latitudinarismo, e a difusão da Bíblia promovida pelos cristãos reformados; de 1870 a definição do novíssimo dogma da infalibilidade papal, no Concílio Vaticano I. Tudo isso alertara muitas consciências: no campo fiel a Roma o bispo de Viseu Alves Martins, amigo do evangelista leigo Teles, a quem em Lisboa a populaça açulada queimara bancos e livros; e no campo extremista Heliodoro Salgado, que em nome da liberdade de consciência imaginou poder minar os fundamentos da fé cristã. Por isso tudo parecia poder-se dizer que em Portugal só triunfava, ou a afirmação crédula, incondicional, imposta por dirigentes, ou a negação crua e turbulenta, inconsequente e ingrata, de tudo quanto firmou a razão de ser da Pátria e da sociedade em que nascemos.

Herculano, excepção emérita, correspondera-se com o historiador da Igreja João Döllinger, o teórico do Velho-Catolicismo, mas, como este, hesitara perante o cisma efectivo; e insultado nos púlpitos e na Imprensa, morrera fora do grémio do Catolicismo tradicionalista — ao contrário de Garrett, autor da mais bela página laudatória da Reforma Religiosa, escrita na nossa língua.

Santos Figueiredo, quando o Velho-Catolicismo se deixava ficar para trás perante a revisão dos grandes valores do Evangelho (hoje buscados pelos seus mentores com maior luz de compreensão) não se contentou com o ensino que a recente Igreja levava à Áustria e às zonas

(Continua na pág. 7)

REMINISCÊNCIAS

D. Luís Pereira

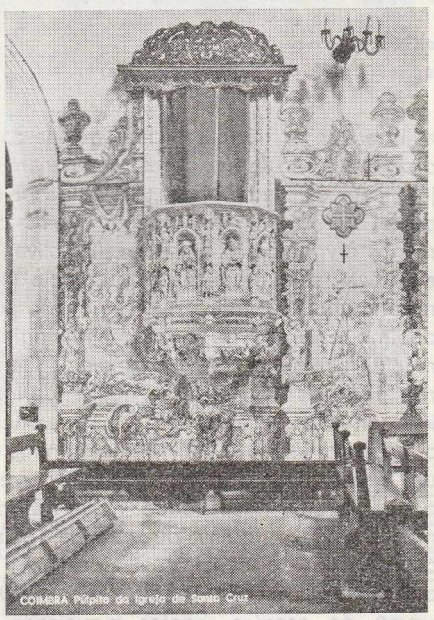
O autor do Evangelho de S. Mateus põe na boca de Nossso Senhor esta afirmação: «Pelas tuas palavras serás justificado e pelas tuas palavras serás condenado» (S. Mateus 12. 37). Em geral, é quase impossível formar opinião correcta de alguém, apenas por duas ou três frases que tenha proferido; há casos em que, todavia, até uma frase só define a pessoa e revela o seu carácter.

Infelizmente, não convivi com o Bispo Santos Figueiredo o bastante para escrever com conhecimento de causa, sobre qualquer dos aspectos da sua tão notável personalidade. Há porém duas frases dele, que são para mim dois traços mestres da sua fisionomia religiosa, traços estes que talvez passaram despercebidos a alguns, mas que não deviam deixar de ser lembrados ao comemorarmos como agora o centenário do seu nascimento.

Alguém uma vez, com puritana petulância de «alta espiritualidade» anti-litúrgica, e, vamos, também com grande falta de cortezia, falava ao Bispo Figueiredo com desprezo, das «fastidiosas repetições» da Liturgia. Retorquiu-lhe ele: «*Recito essas orações todos os dias e sempre as acho mais belas*».

Esta resposta revela-nos o tipo de piedade que o informava. Deixara gostosamente para trás de si a piedade untuosa que dominava nos círculos devotos Católicos Romanos em Portugal nos fins do século passado; retraiu-se sempre perante o pietismo revivalista, versão protestante dessa mesma piedade. Quão contrariado o vi assistir a apelos emocionais na Igreja que pastoreava (a actual Catedral), em certa campanha evangelística que ali consentiu, talvez mais pelo espírito tolerante que o caracterizava, do que por concordar com tais métodos.

Era um *homem de Deus*, mas um *homem*, com os pés bem assentes na terra. E porque o seu cristianismo era um cristianismo *encarnado*, humano, o cristianismo do Verbo feito carne, e portanto cristianismo sacramental, ele vivia a liturgia, não apenas para a recitar como o fazia no culto público com todo o sentimento e gravidade, mas para fazer dela a fonte da sua vida espiritual, privada, tanto mais profunda quanto mais discreta era. E porque era profunda, ela se manifestava acima de tudo no seu carácter de diamante, na sua sensibilidade requintada em relação às dores e às alegrias alheias. Alguém que não pertencia à Igreja Lusitana contava-me espantado e reconhecido, a bondade comovida com que o Bispo Figueiredo o amparara em certo percalço que sofrera, enquanto alguns dos «irmãos» da confissão a que pertencia, o tinham posto a distância com farisaico rigor.



Púlpito célebre, de João de Ruão, na Igreja de Santa Cruz de Coimbra onde muitas vezes pregou D. Joaquim.

A outra frase que desejava recordar e comentar, ouvia-a a ele próprio quando me relatava a conversa tida em tempos com uma senhora que perdera de modo trágico um filho seu.

Perguntaya-lhe ela se o filho morrendo como morrera se salvaria. Em vez de dar a resposta usual de que se ele nos últimos momentos se tivesse arrependido, se ele tivesse aceitado Jesus como seu salvador, estava salvo, limitou-se a dizer: «*Não sei, minha senhora, se seu filho se salvou: Mas há uma coisa que eu sei, é que Deus é infinitamente bom, infinitamente justo e infinitamente amoroso*».

Esta resposta revela-nos o que o seu cristianismo tinha de intensamente positivo e largo. A estreiteza dogmática forçara-o a deixar a Igreja em que fora baptizado, confirmado e ordenado Sacerdote; a estreiteza dogmática de certo protestantismo português repugnou-lhe sempre também, não se tendo livrado da acusação de «modernista» que um ou outro fanático se permitiu fazer-lhe.

Ele conciliava porém a largueza de vistas confessional e as ideias liberais sobre a inspiração das Escrituras, com a maior fidelidade aos princípios da Igreja. Era profundamente tolerante, mas dentro da maior coerência com as suas convicções. Sempre se recusou a atitudes ou actuações que dessem a entender que para ele, *desde que fosse evangélico era tudo igual;* de modo algum ele cuidava assim. Profundamente respeitador dos que pensavam de modo diferente, incapaz da mínima deslealdade no seu trato com outras confissões, estava completamente possuído da mística e da mensagem dos nossos Pais de 1880; o seu opúsculo «Factos notáveis da História da Igreja Lusitana» provam bem o que afirmamos.

Poderia evidentemente recordar grande número de afirmações e atitudes de D. Joaquim, que pude ouvir e presencear no pouco tempo em que convivi mais de perto com ele; porém todas elas de uma maneira ou de outra caem dentro destes dois traços que o definem e que de algum modo definem também a Igreja Lusitana: Piedade viril e calma, porque litúrgica e sacramental; larguesa e tolerância dentro de inteira fidelidade à Fé Católica, ou por outras palavras, afirmando a «unidade no essencial, liberdade no não essencial e caridade em tudo».

Um ambiente social formativo

(Continuação da pág. 6)

romanistas da Alemanha, da Suíça e da Holanda, pelo que impugnou a sua atitude e evitou o seu contacto. Mas, seguro dum equilíbrio de fé e de prática que a experiência pessoal lhe dava, ganhou o completo prestígio dos seus pares, sendo por eles eleito presidente do Sínodo Geral em 1905, ao fim de dezoito anos de presbiterado e de sete da actuação na Igreja Lusitana.

O que foi essa actuação é assunto que ultrapassa aquilo que me propus escrever, apesar de merecer aos jovens das nossas igrejas uma cuidada investigação, para lição e estímulo próprios.

Deixo-lhes a sugestão.

Eduardo Moreira

A OBRA LITERÁRIA DE JOAQUIM DOS SANTOS FIGUEIREDO

TRABALHOS PUBLICADOS

Cristianismo e Ultramontanismo — 42 pág.
Será o fim da Religião? — 48 pág.
Jesuítas e Protestantes — 84 pág.
Do Ateísmo — 24 pág.
Factos notáveis da História da Igreja Lusitana — 52 pág.
Cartas Abertas ao Clero Católico Romano — 16 pág.
A Igreja Romana não pode ser Igreja nacional — 56 pág.
A Desnacionalização Protestante e o Nacionalismo da Igreja de Roma — 16 pág.
Os Milagres de Lourdes — 16 pág.
Umas centenas de artigos, em dezenas de jornais.
Tradução de «História, Doutrina e Interpretação da Bíblia» (Angus), que inclui um capítulo seu — 700 pág.
Tradução de um «Dicionário Bíblico» (Buckland) — 840 pág.
Tradução de um opúsculo de 24 pág.: «Resposta ao Papa Leão XIII» (Farrar).

«O estilo é o homem», disse Buffon. E Santos Figueiredo é de facto o homem que transparece verdadeiro do seu estilo: simples, límpido, coerente. ***Simples*** na sua preferência até pelo uso do substantivo, limitando o adjectivo à sua acção significativa e qualificativa, mesmo nos conceitos apriorísticos de muitas das suas mais ousadas afirmações, que também o definem como um homem do seu tempo; simples e burguês na tendência narrativa — que é uma atitude permanente no escritor — aliás, característica do estilo do século XIX (se tomarmos aqui ***estilo*** no sentido que Charles Bally e a sua escola lhe deram), estilo em que se procura manter contacto activo com os leitores, através da narração que metodològicamente se vai estruturando; simples como a ovelha e o báculo da «roda de Vergílio». ***Límpido*** na plenitude invulgar do uso sem abuso da imagística, que cumpre um perfeito sistema de flagrantes sinestesias, traços do seu estilo; límpido na expressão quase-dramática, quase-anti-lírica, quase-anti-épica, onde o ritmo forte e candente do manejo do látego se torna objectivo, fluente e de plena vitalidade. ***Coerente*** na estratificação temporal de um ideário austero, convicto e exemplar, que Nietzsche talvez classificasse de «dionisíaco» e Schiller de «sentimental»; coerente no ângulo de visão, que se torna no escritor uma constante que ele consagrará até ao fim da sua actividade literária, quer sob o próprio nome, quer abrigado nos pseudónimos «Paulo Lutero» e «Joaquim de Sá Pereira do Lago». Uma simples análise literária de toda a obra dar-nos-á, contudo, a identificação perfeita dos três subscritores, não cabendo lugar à hipótese de heterónimos, a não ser na atitude que as três fases da sua vida condicionam. São essas fases que criam e justificam os pseudónimos, protegido pelos quais o escritor mantém, com mais ou menos à-vontade, o mesmo estilo clivante e vertical, sem prejuízo da coerência literária a que nos temos referido. O pseudónimo é um falso nome, etimològicamente, livremente usado nos meios literários de todas as épocas e quase obrigatório entre os arcádicos das famosas academias do século XVIII. O heterónimo é um nome literário que pretende corresponder a uma necessidade metafísica de manifestação psíquica ou estética, cujas coordenadas psicanalíticas localizam o centro de realização obsoluta do ***alter-ego*** do escritor. Santos Figueiredo é um homem simples, embora dotado de uma personalidade forte e asceta, e na sua obra a ausência quase completa da metáfora e a parcimónia da zeugma revelam uma estilização do campo restrito em que o escritor irá firmar-se e mover-se com espantosa desenvoltura.

1.ª fase: sacerdote católico romano. O primeiro trabalho que lemos de Santos Figueiredo é um artigo intitulado «Agonia...», de 18-6-1891, no jornal «O Alarme», de Coimbra, onde se analisam, com vibrante sentido patriótico, os erros políticos e sociais da monarquia «agonizante», lançando ao povo um apelo enérgético, conducente ao protesto em massa. O artigo termina com o grito de incitamento, «Viva Portugal». Tinha S. F. nessa altura 26 anos de idade, era sacerdote católico romano, e assinava J. Santos Figueiredo. Num terceiro artigo no mesmo jornal, uma semana depois, responde ele enèrgicamente a J. Martins de Carvalho, que dias antes escrevera, no «Conimbricense», o artigo «A reacção em Portugal», em que faz certas acusações a padres republicanos, sugerindo uma incompatibilidade entre política e religião. S. F., paladino da causa republicana, entra na liça, franca e lealmente, nos seguintes termos: ***Somos sacerdote: conhecemos a nossa missão, e não deixamos de compreender qual deve ser o caminho para seguir, mais consentâneo à moderna orientação dos espíritos. Sempre nos incomodou que se pusessem em prática certas teorias, reprovadas pelo bom senso, contraria-nos penosamente a materialização condenável dos sublimes e nobilíssimos pensamentos, enfim repugna-nos imenso que se queira e se apoie quaisquer excessos sobre religião, tendentes a fomentar o fanatismo. Reconhecemos que o fanatismo é a causa de grandes males no indivíduo, na família e na sociedade: desvirtua os sublimes e santos princípios, corrompe os corações, e faz rebaixar a grandeza da ideia.***

E esta dimensão de alma cristã e lusitana em S. F., expressa numa simples introdução de um artigo em que reprova os termos ofensivos de outro jornalista, amplia-se e adensa-se progressivamente à medida que ele se aproxima do campo da polémica: ***Sentimos assim, e com toda a franqueza fazemos estas declarações, mau grado de muitos: coisa alguma nos forçará a calar a voz da consciência, porque consideramos a sinceridade superior a tudo, e colocamos as firmes convicções e pureza de sentimentos acima de todos os interesses e conveniências pessoais.***

E assim o faria no ano seguinte. O núcleo da sua censura ao referido artigo do «Conimbricense», que é factor comum em toda a sua obra, situava-se no facto de S. F. não admitir desregramentos de linguagem, embora dando o direito à «crítica sincera e desapaixonada», que, diz ele, ***deve ser facultada a todos. A imprensa republicana*** — lemos no mesmo lugar — ***pode condenar todos os excessos, e assiste-lhe mesmo o direito de criticar, logo que seja de uma maneira digna, certos pontos da religião. Quem lhe poderá levar isso a mal?***

Num artigo de 6/8 do mesmo ano, intitulado «A vida em Portugal», em que S. F. põe a nu as misérias consequentes de uma má governação: ***o desleixo, a incúria e o desprezo manifestado,*** atinge a sua prosa o ponto culminante da expressão dramática que irá

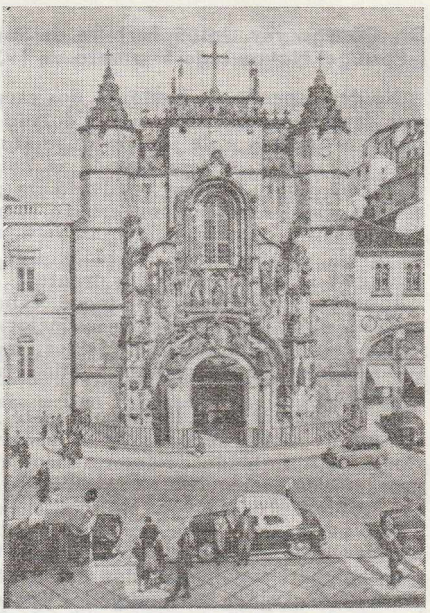
dominar nos futuros escritos, até que Deus o retirou da luta e o levou para Si em 1937.

Eis um parágrafo relevante do artigo acima referido: *Esta febre de empregos públicos apoderou-se de tal forma nestes últimos tempos dos espíritos portugueses, que já raramente se pensa noutro modo de vida: Diz o pai: — o que eu desejo é que o meu filho faça este e aquele exame e depois, com um empenho forte, fàcilmente o coloco e bem numa repartição qualquer! — diz o que já é artista, negociante, operário, etc.: — isto assim não vai bem, se continuo nesta vida morro de fome, porque estão as coisas duma maneira desgraçada, e o mais seguro é segurar-me a um emprego. E assim quase todos.*

A beleza rítmica do quadro, a força emotiva das expressões, plenas de material estereotipado, a harmonia policromática e o movimento pitoresco da cena são as múltiplas razões que nos assistem quando apresentamos S. F. como um homem coerente, em quem «o discurso é a fisionomia da alma», como dizia o grande Séneca.

Toda a prosa de S. F. rìtmicamente regulada pelas abundantes terminações do *cursus planus* da retórica antiga, a que corresponde na métrica o verso adónico, surge-nos solene, denunciando características discursivas, ainda mais veemente quando adornada de paralelismos tríplices assindéticos, que sempre conferem dimensão à simples atitude narrativa. Exemplifiquemos com uns passos do seu artigo de 30/8/891, n' *O Alarme*, intitulado «Perseguições...» (Notai o largo uso que S. F. dá às reticências, principalmente nos títulos — sempre precisos, concisos e substantivos — que nos mostram mais uma faceta honesta do seu extraordinário carácter, não prendendo o leitor com belos títulos, que muitas vezes encabeçam discursos vazios de significado): ***Jesus Cristo teve que sustentar uma luta imensa com as diversas seitas do seu tempo, conservadoras por carácter, e que exploravam pela religião aquele povo da Palestina, tão indolente e sumamente depauperado. Os interesses dos sacerdotes e doutros indivíduos filiados nas seitas exigiam, a todo o custo, que se não mudasse o estado das coisas: foi então que trataram de procurar por todos os modos a morte do Divino Mestre, cujas ideias tanto os incomodavam, porque queriam continuar a passar bem, sem tormentos de consciência e de factos.***

Os Apóstolos, propagadores das sublimes doutrinas de Jesus, doutrinas proclamadoras da igualdade dos povos e da sua fraternidade numa santa, beneficentíssima e querida liberdade, sofreram imenso na implantação dos princípios da justiça: cada máxima, cada ideia, cada pensamento eram outros tantos dardos, que iam ferir as grandes individualidades (...). Disto provieram, nos primeiros séculos da era cristã, as grandes perseguições, que só serviram para avigorar a fé dos iniciados nas belíssimas ideias do cristianismo.



Igreja de Santa Cruz de Coimbra

Venceram os grandes princípios, ficou vitoriosa a ideia, apesar dos cruéis sofrimentos que infligiram aos seus preconizadores.

Os excertos que até aqui transcrevemos para o leitor denunciam eloquentemente um grito abafado da revolta que no padre S. F. se vai avolumando até se tornar pùblicamente audível a partir do artigo de 24/9/1891, «O Ensino Teológico nos Seminários», que levou o seu bispo a exigir-lhe completa retractação do que escrevera. S. F. recusou, simplesmente. Do que até agora conhecemos já de S. F., «homem de um só parecer, de um só rosto, uma só fé, de antes quebrar que torcer», como o definiria Sá de Miranda, não poderíamos esperar outra atitude. Eis por que tão enfàticamente lhe chamamos coerente. ***A educação do padre*** — diz ele nesse artigo — ***é hoje feita nos seminários, como se ele tivesse de viver entre gente do século XIV!***

Não se estudam, não se discutem, e até não se conhecem muitas vezes os diversos sistemas filosóficos, com que a sociedade moderna ataca os princípios cristãos; não há um estudo profundo, continuado, sério e consciencioso da Bíblia, principalmente do Novo Testamento, base da divina religião de Jesus Cristo.

Os artigos que se seguiram, de carácter político e religioso, fecham a primeira fase literária de S. F. O último desses escritos, de 25/2/1892, intitula-se, sintomàticamente, como que a marcar uma transição, «Liberdade religiosa».

Chamamos a atenção do leitor para a dignidade com que S. F. termina o artigo que fechou esta primeira fase: ***Por consequência, em tal conjuntura achamos preferível a tudo não exercer mais as funções sacerdotais, e assim acabam ameaças, evitam-se tempestades, previnem-se conflitos e fica apaziguado o nosso espírito!***

Acompanhemos agora o padre de Santa Cruz de Coimbra, que se retira para o Porto.

2.ª fase: ministro metodista e presbiteriano. Esta segunda fase, que dura quase sete anos, caracteriza-se pela atitude de Joaquim de Sá Pereira do Lago, como a terceira se caracteriza pela de Paulo Lutero. Queremos por isso afirmar que S. F. não assinou ao acaso os seus escritos sob vários nomes. Não era homem que mudasse de nome, ainda que literário, por cobardia ou impensadamente. Os seus voos eram mais elevados.

Na primeira fase é J. Santos Figueiredo e só ele. Na segunda já traz consigo uma mensagem para Portugal, que é simultâneamente uma arma com que imaginou poder destruir o inimigo, que, contrariando as leis naturais, toma mais volume à medida que S. F. dele se afasta. Por isso o deseja combater incessantemente com todas as suas forças. Na terceira fase modera os impulsos, mas não desiste da luta.

Ao deixar Coimbra, dirigiu-se para o Porto, onde o contacto com Roberto Moreton, um homem da sua craveira de lealdade, honradez e espiritualidade, lhe agradou. Em 1 de Maio de 1892 é aceito como ministro metodista. Mas a sua alma nunca foi metodista. Era uma situação de compromisso e representava para ele a primeira porta que encontrava para entrar na luta pela Reforma do século XVI, que foi tema predilecto de toda a sua vida. O metodismo é universalista: «A minha paróquia é o mundo», dizia João Wesley, seu fundador; Santos Figueiredo é um patriota que leva na alma o grito: «A minha paróquia é Portugal». Wesley fora anglicano, Figueiredo romano; Wesley quer levar a mensagem a toda a amplitude cósmica: é a mensagem universal, que nasce da particular, é o anglicanismo a tornar-se católico, no sentido lato; Figueiredo é o católico que se quer tornar lusitano, é a

(Continua na pág. 12)

IN MEM

Quando D. Joaquim faleceu sentiu-se em todos os sectores do movimento evangélico em Portugal, um clamor de sentimento pela perda de um dos seus mais preclaros obreiros e pela lacuna difícil de preencher que deixara aberta.

Achámos oportuno dar conhecimento aos leitores de alguns extractos do muito que foi publicado em Portugal e no Estrangeiro, vindo dos mais diferentes ramos da Igreja Reformada. Por muito tempo o seu nome era citado, a sua obra lembrada e o seu carácter, protótipo de português e de cristão, evocado para exemplo das novas gerações.

Estamos certos de que muitos dos nossos leitores, tendo ainda bem na memória a figura de Santos Figueiredo e o que dele se escreveu e se falou, apreciarão, por muitos motivos, a lembrança de algumas páginas então escritas e cujos extractos hoje publicamos.

Do rev.mo Bispo D. António F. Fiendor, 1.º Bispo sagrado da Igreja Lusitana em 1958 (Portugal Evangélico — 1937)

Quem conheceu durante esses 45 anos de serviço inteiramente consagrado ao Senhor o rev.mo Santos Figueiredo, viu sempre nele o servo bom e fiel, ilustre e eloquente, escrevendo e pregando; cuidadoso no trabalho da Igreja; carinhoso entre os crentes; prudente e sábio nos seus conselhos; promotor insistente da paz e do amor dentro da Obra; merecedor do respeito e da consideração que os membros de todas as denominações, desde o seu princípio no evangelismo português até ao fim da sua vida tiveram por ele.

Escolhido em 9 de Maio de 1905 para Presidente do Sínodo da Igreja Lusitana, como sucessor do falecido rev. Cândido Joaquim de Sousa, e eleito para Bispo da mesma Igreja na reunião Sinodal de 22 de Junho de 1922, dirigiu sàbiamente esta Igreja, até ao seu falecimento.

Há mais de 30 anos que tomo parte nas reuniões sinodais da Igreja Lusitana e há mais de 10, nas reuniões da Comissão Permanente da mesma Igreja, sob a sua presidência, e nunca o vi irritado, mesmo nas resoluções mais difíceis e agitadas. E, entretanto, era enérgico quando preciso e sabia impor ordem e serenidade no trabalho, sempre com amor e calma. E o que acontecia nas Reuniões Sinodais e na Comissão Permanente da Igreja Lusitana, acontecia igualmente em qualquer reunião da Actividade Evangélica em geral, quando lhe davam a presidência dos trabalhos.

A sua vida íntima e pública era um exemplo da humildade, de paciência e de amor cristão.

Modesto no seu trajar, apresentando uma figura típica e sempre igual, com o seu inseparável guarda-chuva, mesmo nas noites quentes de verão, dava-nos sempre o testemunho da ordem, da pontualidade e do cuidado. Era uma vida cristã simples e sempre na preocupação daquele caminho da verdade em tudo a que ele se decidiu quando abandonou Roma com todas as suas pompas, honrarias, privilégios e interesses materiais.

Não tenho dúvidas em supor que se o jovem padre da Igreja de Santa Cruz, em Coimbra, considerado no Paço Episcopal e pelos seus superiores hierárquicos, já então notável publicista, tivesse permanecido na Igreja Romana, mesmo contrariando os seus sentimentos liberais e ocultando os desejos de verdade cristã, como sucedeu e sucede com tantos dos seus antigos colegas, teria morrido no seio dessa Igreja numa das mais elevadas posições eclesiásticas.

Mas ele, embora pudesse esperar todas essas grandezas, preferiu trocá-las pela paz da sua consciência sem sobressaltos, pela simplicidade do cristianismo dos Evangelhos, pelo caminho da verdade que ele escolheu e no qual morreu sem a pompa e estrondo inerente a uma posição elevada na Sociedade mundana, mas rodeado pelo carinho de uma esposa amantíssima, pelo muito amor de seus ilustres filhos, pela muita amizade de bons amigos.

Foi um servo bom e fiel e como Paulo, o Apóstolo que ele mais especializava, escrevendo ou falando, podia dizer: «*acabei a minha carreira, guardei a fé*».

Do Cónego rev. Josué Ferreira de Sousa («Portugal Novo» 1 de Setembro de 1937)

No desempenho de qualquer dos cargos que desempenhou, mostrou ser dotado de muita prudência e de um acentuado espírito conciliador, encaminhando as coisas de forma que tudo fosse resolvido em paz e num ambiente de amor cristão, tendo sempre por escopo a glória de Deus, o bem da Igreja, a integridade dos princípios do Evangelho e a edificação dos crentes.

Inimigo irredutível da torpe cabala, quando ouvia fazer apreciações pejorativas a respeito de qualquer pessoa, mostrava logo o seu desagrado, pondo termo ao assunto.

(...) Como cristão deixou um rasto luminoso de bons exemplos de fé, perseverança, de humildade, de amor a Deus e ao próximo, de paciência e de resignação.

(...) Coma pregador era simples, claro e calmo na maneira de expor, de uma dialéctica sólida e convincente, deixando espiritualmente satisfeitos todos quantos ouviam a mensagem do Evangelho por seu intermédio. Era um orador muito espiritual que deixava transparecer nos seus sermões e nas suas conferências a sua vasta cultura.

Repugnou-lhe sempre a escravidão da consciência, não se deixando dominar por quaisquer interesses materiais ou influenciar por conveniências sociais; e assim tendo sido padre da Igreja de Roma, onde era justamente estimado e considerado, compenetrou-se um dia de que não era a Igreja que ele servia a fiel depositária da verdade cristã, mas sim a Igreja Evangélica e ei-lo que, sem sombra de perplexidade, se separa daquela e se une a esta, vendo nele, para logo, os pastores e os crentes, uma alma ávida de luz, uma consciência que admirava com nobreza a sua liberdade religiosa.

(...) Como escritor manejava hàbilmente a pena na defesa dos sãos princípios da Sagrada Escritura, combatendo a par e passo os erros interpolados do cristianismo no rodar dos séculos; mas nesse combate sagrado, que tinha só e sempre em vista o triunfo da verdade eterna, não empregava linguagem agressiva; foi sempre um adversário delicado, leal e ponderado. Era incontestàvelmente dotado dum espírito combativo, sem jamais, no entanto, transpor os limites da prudência.

Do Cónego rev. Eduardo Moreira. Presidente, ao tempo, da Aliança Evangélica Portuguesa (Portugal Novo — 1 de Setembro de 1937)

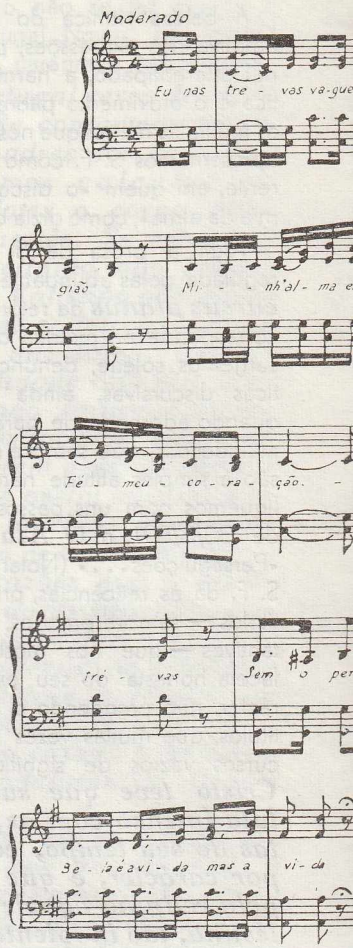
O rev.mo Santos Figueiredo, 1.º bispo-eleito da Igreja Lusitana, foi o primeiro presidente da Aliança Evangélica Portuguesa depois da sua organização.

A acção do ilustre extinto na Aliança, que ensaiava os seus primeiros passos, foi peculiar à sua personalidade: de ponderação, serenidade, brandura, dignidade singela.

Assumindo o cargo em 1919 terminou o seu mandato seis anos depois, em 1925. Não houve nesse período, que me lembrem, crises graves a enfrentar (...)

DAS TRE

Letra de J. Santos Figueiredo



1 Eu nas trevas vagueava
Sem o sol da religião;
A minh'alma 'stava morta,
E sem fé meu coração.

Coro: Triste é o viver nas trevas
Sem o perdão do Senhor!
Bela é a vida, mas a vida
De luz, de paz, e d'amor.

2 Mas um dia Deus me dava
A sua graça, a doce luz;

NOTA: — *A música publicada, cerca de 1915, no «Amig em que a letra tem o n.º 531. Não se tendo de harmonizar a melodia que em seu tempo Lisboa. L. F.*

MORIAM

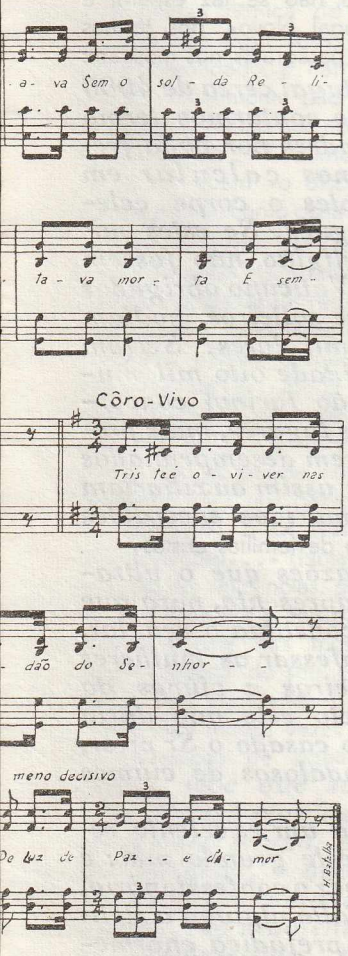
mas tudo o que foi feito, foi-o nesse espírito assectário, nesse espírito que se manifestava tanto na sua sóbria dialéctica, como na fácil elocução dos seus numerosos artigos de imprensa.

De D. Beria Estrela, membro da direcção da União Cristã da Mocidade Feminina (Portugal Novo — 1 de 1937)

A sua veneranda figura surge-nos nítida e sempre da mesma serena e simpática

VAS PARA A LUZ

Música de Eurico de Figueiredo



Claro então vi o caminho,
E a voz ouvi de Jesus.

3 Dentro de mim o «homem velho»
Contra o Bem e a Paz lutou;
Mas Jesus comigo estava,
Santamente me guiou.

4 Foi um novo nascimento,
O Senhor seja louvado!
Deu-me Cristo luz e vida,
Luz e vida eu tenho amado.

o da Infância», não foi incluida em «Salmos e Hinos» encontrado a colecção deste jornal, tivemos a liberdade foi muito cantada na Congregação de S. Paulo, em

bondade como o conhecemos, infantes ainda, jovens mais tarde e depois no combate rude da vida.

O seu sorriso meigo e cheio de fé, era um guia aos incautos, um conselho aos turbulentos, um perdão aos perversos. Edificante exemplo o da sua vida! Elmo com que nos podemos cingir, adquirindo coragem para enfrentar o que ele enfrentou, sempre pronto à indulgência e à justiça, amigo sincero e coração cheio de Deus, aberto, sem reservas a quem quer que o cercasse.

(...) Amigo da paz. espalhava-a ao seu redor, já como conciliador, já como conselheiro, já como amigo! De uma instrução elevadíssima, media a tempo as suas sábias palavras para que elas não fossem ferir quem quer que fosse.

Do «Portugal Evangélico» órgão da Igreja Metodista do Porto (1937)

No serviço activo quase até ao dia da sua chamada, o rev.mo Santos Figueiredo (...) foi sem dúvida nenhuma um modelo de obreiros na consagração, na coerência, no esterlino do carácter, na modéstia não fingida e no saber de muita experiência e de muito e apaixonado estudo. Vernaculista primoroso e culto, a literatura evangélica deve-lhe muitíssimo, do melhor que tem. E assim o preclaro servo de Deus trabalhou devotadamente, como lhe cumpria, para a geração em que viveu; mas trabalhou ainda mais para as gerações futuras, e isso tornará a sua memória duplamente abençoada.

Do «Aleluia» — jornal brasileiro de S. Paulo da Igreja Católica Livre (1937)

D. Joaquim foi uma das figuras mais significativas no mundo social e religioso em Portugal. Como sacerdote e como chefe de família, como orador, professor e escritor — sua vida foi, sob todos os aspectos, um exemplo vivo das excelsas virtudes que exornam um carácter íntegro, másculo, puro, austero.

Em tudo se distinguia pelo seu fino trato, sua mentalidade robusta, seu carácter lìdimamente cristão, e a firmeza inabalável de seus princípios. No meio das refregas inevitáveis em uma vida pública, como a sua, chefe que era de um grande movimento religioso que procurava restaurar em Portugal as velhes prerrogativas e privilégios da antiga Igreja Lusitana, independente e livre até ao século X, sempre se caracterizou pela paciência e pela tolerância, e mesmo nos embates mais árduos não perdeu jamais a linha elegante de uma alma sem jaça. Polemista nato, sabia sempre manter-se ao nível superior dos princípios. Sua controvérsia com o antigo conselheiro da monarquia, o estadista José Maria Alpoim, é um paradigma de elevação moral, que fez juz à admiração e estima do ilustre adversário.

Como escritor, era sóbrio e elegante. Alguns trabalhos de valor se devem. entre eles uma «História da Igreja Lusitana», desde os tempos apostólicos até aos primórdios da sua restauração, em 1880. Devem-se-lhe também as «Cartas abertas ao clero», vários opúsculos e uma vasta e rica colaboração em jornais e revistas do país e do estrangeiro. Traduziu ainda para o português o célebre dicionário Bíblico de Buckland, e trasladou para a nossa língua, desenvolvendo-o em certos pontos, o conhecido «Manual Bíblico» de Angus, ambos bastante divulgados no Brasil.

Como orador, seu estilo era simples e claro, como simples e claro era o timbre da sua voz. Nunca usou das frases artificiais, balofas, que tantas vezes traem o vazio do cérebro, mas servia-se de uma linguagem natural, sem artifícios, directa, opulenta de ideias, entrando fundo na alma popular como um bálsamo confortador. Nunca transigiu em explorar, em proveito da sua causa, com a ignorância, os preconceitos e as paixões populares. E sabia fazer justiça onde outros, menos avisados, só viam motivos de achincalhe ou crítica soez. Nunca sacrificou a verdade e a limpidez de seus ideais ao sucesso fácil e barato. A sua actividade espiritual sempre se exerceu segura, serena e firme, num desdobrar contínuo de sempre renovadas energias, numa constante evolução e renovação espiritual que nele mantinham, cheio de viço, o frescor de uma perene mocidade.

E este espírito o acompanhou até ao seu último dia. E aqui mesmo, no transe derradeiro, foi ainda o homem de sempre: «Tudo entreguei já nas mãos do Senhor, que Ele faça o que for da Sua vontade». Que bela morte!

Da «España Evangélica» Madrid — 30 de Setembro de 1937

Desde hace muchos años pastoreaba una de las congragaciones más antigas de Lisboa: la que se reunia en la Iglésia del extinto convento dos Marianos, situada en la calle de Janelas Verdes, en la cual más de uma vez hemos tenido el honor de predicar. En várias ocasiones representó al protestantismo portugués en congresos y conferencias internacionales, que nos ofrecieron ocasiones para conversar com él acerca de la obra en la vecina República.

Era un hombre de ideas francamente liberales y por lo que oímos de sus mismos lábios odiaba hondamente toda clase de tiranias. Por su afable trato, por su inagotable paciência, por su mucha sabiduria y por su acendrada piedad, era un hombre bueno en toda la extension de la palabra.

Do sr Roberto Canuto, presidente, ao tempo, da Juventude Evangélica Portuguesa — gerente da Livraria Evangélica e agente, em Lisboa, da Sociedade Escocesa de Literatura Evangélica.

Habituados à sua convivência de quase todos os dias, às muitas provas de amizade com que sempre nos distinguiu, às palavras animadoras e aos bons conselhos que a sua experiência e saber nos ditavam, não podemos deixar de sentir profundamente a falta do bom Amigo que a nosso lado conviveu, que tanto amámos como Irmão mais velho, e tanto respeitávamos pelos seus naturais dotes de cultura, de carácter e de sincero e dedicado servo do Senhor.

Nosso cooperador valioso no trabalho da Livraria Evangélica, como tradutor de algumas das mais importantes obras, como o «Dicionário Bíblico Universal» e «História, Doutrina e Interpretação da Bíblia»; revisor de muitas outras e conselheiro de todos os momentos; acompanhando com simpatia e apoio os nossos esforços na obra da Juventude Evangélica Portuguesa; colaborador assíduo e voluntário, desde as primeiras horas, do «Portugal Novo», que sempre honrou com a sua valiosa e desinteressada colaboração e simpatia; tivemos sempre no rev.mo Santos Figueiredo alguém que muito nos amparou nas actividades a que nos temos dedicado.

D. Joaquim dos Santos Figueiredo

"Notas Biográficas"

Paulo Agostinho

Nasceu em Coimbra, freguesia de Montarroio, em 5 de Janeiro de 1865. Depois dos seus estudos primários e de alguns preparatórios secundários, entrou aos 14 anos para o Seminário Católico Romano desta cidade.

Aos 17 anos, sendo então estudante, sua irmã mais velha Mariana, que tinha sido educada num convento, deu-lhe para queimar uma Bíblia «protestante» (1) que alguém, por descuido ou propositadamente, tinha deixado ficar em sua casa, então uma modesta casa de hóspedes de Coimbra. Não querendo mesmo tocar em tão «ímpio» objecto, pensou que seu irmão, estudante do Seminário, estaria em melhores condições de fazer este auto-de-fé. D. Joaquim porém não a queimou. A curiosidade natural de verificar ele próprio as falsidades dos protestantes e a forma como estes truncavam a Bíblia para defender os seus princípios heréticos, fê-lo guardar o precioso livro. E assim lá foi procurando as principais passagens, bases da teologia romana, e vendo com espanto que tudo estava lá nessa Bíblia sem tirar nem pôr, tal e qual como se achava na Vulgata Latina. Por que razão essa aleivosia contra a Bíblia Protestante? Teve depois a explicação num livro que providencialmente encontrou, numa povoação perto de Semide, dentro de uma velha arca cheia de livros empoeirados e desconjuntados. O livro referido era o conhecido «Lucília» de Adolfo Monod, teólogo da Igreja Reformada Francesa.

Este facto teve uma importância extraordinária na sua vida. Aguçou-lhe a curiosidade das coisas e dos homens e esclareceu o sobre as injustiças do mundo. Preparou-o para a luta em defeza da verdade e quanto vale a pena o sacrifício por uma nobre causa.

Mas os seus estudos contiuaram no Seminário, preso como estava a certos pontos dogmáticos e disciplinares que a sua inteligência ainda não tinha alcançado. E em 30 de Outubro de 1887 é ordenado presbítero.

Antes desta ordenação, mas depois de ter findado já o Seminário, em que foi um dos melhores alunos do seu curso, e enquanto não tinha a idade canónica, foi preceptor dum neto de Anselmo Brancamp, na praia da Granja, perto do Porto. Foi em casa desta família (2) que soube da existência duma Igreja Protestante nesta cidade. Foi o acaso que visitava aquela casa o dr Sena, director, nesse tempo, do Hospital Conde Ferreira, no Porto. Era médico, professor da Universidade e par do reino; e nesta qualidade tomou uma acção simpática no Parlamento, defendendo a liberdade de consciência, e atacando o fanatismo e a intolerância. Por causa destes ataques era con-

Santos Figueiredo quando terminou o curso teológico e frequentava um curso para aperfeiçoamento científico, dirigido por Charles Lepierre (Fotografia tirada dum grupo em que está o eminente professor)

siderado um homem sem religião por pessoas muito ligadas à Igreja de Roma. A propósito disto, em certa ocasião, estando conversando com algumas senhoras da casa, na presença do jovem sacerdote, disse: — «Não sou homem sem religião; a religião de Jesus Cristo é para mim duma grande beleza moral e espiritual, e esta religião é tanto mais grandiosa, quanto mais simples se apresenta». Depois, reparando em D. Joaquim, acrescentou: «Assisti há pouco tempo no Porto a um culto numa Igreja Protestante. Quando me sentei, ofereceram-me uma Bíblica para seguir a leitura do Evangelho. Satisfez-me aquela simplicidade litúrgica!» E em ar de conselho: «Quando for ao Porto, visite uma dessas igrejas, e há-de gostar»! (3)

Não pôde visitá-la nessa altura e, no entretanto, foi colocado como cura de Santa Cruz de Coimbra, onde se evidênciou pelos seus dotes de inteligência, pela eloquência e espiritualidade dos seus sermões e pelo cuidado que dedicava aos paroquianos.

Ao mesmo tempo, à medida que ia estudando a Bíblia e certos livros críticos, ia-se evidenciando uma profunda divergência entre si e a Igreja que tinha procurado servir com toda a sinceridadde e humildade do seu espírito (4). A par com o estudo íntimo do Evangelho, não lhe foi estranho à sua formação liberal e reformista, a época em que viveu, influenciada pela enorme revolução de ideias que havia partido da geração de 1870 e propagado ràpidamente, excitada pela reacção ao Syllabus de Pio IX. A juntarem-se ao misticismo de Herculano, a voz de apóstolo de Antero, o trovejar épico de Junqueiro, a finura de espírito de Eça e toda a nova e melhor geração do tempo de D. Joaquim, republicana e democrática. (5) No ano de 1891 houve no Porto a revolução de 31 de Janeiro, que foi subjugada. Monsenhor Bastos Pina numa mensagem ao rei D. Carlos, felicitando-o, afirmou que na sua diosese não havia padres republicanos. Homem ilustrado como era, o Bispo-Conde podia ter evitado tal declaração, mas «errare humanum est». E o facto é que D. Joaquim escreveu uma carta ao Século em que afirmava, contraditando o Bispo, que na diocese de Coimbra, pelo menos, havia um padre republicano que era ele. Pode-se compreender quanto esta declaração surpreendeu a pacata cidade universitária e até que ponto ia o vigor destemido deste jovem padre, que não escondia o seu pensar e o denodo com que o fazia.

O seu espírito porém não sossegava no combate que empreendera. E num jornal da cidade de Coimbra, «O Alarme», (6) começou a escrever uma série de artigos, cri-

ticando o ensino do Seminário e acusando-o de entontecer os estudantes com exercícios de Sto. Inácio de Loiola, em lugar de os dirigir sãmente nos príncipios puros do cristianismo. Certamente esta atitude não agradou ao seu Bispo, não contente já com o que antes se passara, e por isso o chamou e o advertiu a que se retractasse sem subterfúgios do que havia escrito. D. Joaquim, ainda que delicada e respeitosamente, como sempre actuou, escreveu ao seu Bispo, declarando que de modo algum podia retractar-se do que ele estava convicto ser a verdade. (7)

Isto de modo algum podia continuar assim. D. Joaquim compreendeu que a sua situação estava a tornar-se insustentável dentro da Igreja em que militava. O seu espírito reformador e progressivo era incompatível com a estagnação dogmática e anti-liberal da Igreja, resultante do conservantismo do concílio Vaticano I e da infalibilidade papal. Resolveu então sair da Igreja Romana e não desempenhar mais as suas funções sacerdotais. E escreveu aquelas palavras que ficaram históricas: «*Mas havemos nós agora porventura de esperar que nos façam novas exigências de categóricas retractações sem subterfúgios? De maneira alguma. Por consequência, em tal conjuntura, achamos preferível, a tudo, não exercer mais as funções sacerdotais, e assim acabam as ameaças, evitam-se tempestades, previnem-se conflitos e fica apaziguado o nosso espírito*». Foi isto em 28 de Fevereiro de 1892. (8)

Em seguida abandonou Coimbra e foi para o Porto, a fim de se entregar a leccionação. E em 1 de Maio do mesmo ano, a convite do rev. Moreton da Igreja Metodista, deu ali testemunho da Fé Evangélica, pregando sobre «Liberdade de Consciência». (9)

Foi convidado então a inspector das escolas metodistas do Porto, e mais tarde, alguns meses depois, a coadjuctor do mencionado pastor. Estava feita a sua adesão definitiva à Igreja Reformada em Portugal. Foi então que começou a conhecer os diferentes ramos das Igrejas Evangélicas no nosso país. Em Vila Nova de Gaia tomou contacto com o rev. Diogo Cassels, um inglês comerciante do Porto, naturalizado depois português e que se dedicara ao ministério da Igreja Lusitana e à instrução, fundando escolas primárias e instituindo cursos secundários comerciais, empreendimento em que gastou toda a sua fortuna. Tem hoje uma estátua num dos jardins desta Vila fronteiriça do Porto. O povo de Vila Nova de Gaia ainda hoje o recorda com saudade e muitos vultos importantes do Norte de Portugal receberam a sua educação nas suas escolas.

Foi ali no Torne, bairro onde Diogo Cassells pastoreava a Igreja Lusitana de S. João Evangelista, ao apreciar o rito litúrgico tradicional e a ordem apostólica da Igreja Lusitana, ao mesmo tempo católica e evangélica, que sentiu, já naquela altura segundo nos declarou, ser esta a Igreja que deveria satisfazer as necessidades religiosas do nosso povo. Tinha a sua história nacional, tinha a sua liturgia própria, tinha a sua ordem. Contudo, ligado à Igreja Reformada a que tinha aderido, ali se manteve, tendo em 1894 vindo para Lisboa substituir na Igreja Presbiteriana, por comum acordo entre as duas Igrejas, o rev. José Nunes Chaves, que havia falecido.

Em 20 de Fevereiro de 1896 realizou o seu casamento no Porto, com a sra D. Lavínia Augusta de Lemos, professora duma das Escolas Metodistas do Porto e que ali conheceu, quando foi inspector destas. Desta senhora teve 7 filhos dos quais três vingaram, o conhecido Prof. Eurico de Figueiredo, falecido há pouco, o empregado superior da Companhia Colonial de Navegação, sr João Pedro de Figueiredo e o médico dr Leopoldo de Figueiredo.

Em 1898 faleceu o rev. Augusto Ferreira Torres que pastoreava uma das congregações da Igreja Lusitana de Lisboa, que ficava assim sem pastor. Nessa altura estava em Lisboa, vindo dos Açores, um dedicado ministro evangélico, activo, cheio de ardor profético, do rito congregacionalista, o Pastor José Augusto dos Santos e Silva, mas que em Lisboa não tinha Igreja sua. D. Joaquim viu imediatamente uma maneira de aderir a uma Igreja que satisfazia o seu ideal eclésico português, sem prejudicar de forma alguma a congregação em que ministrava e declarou: «Há aí um pastor sem ovelhas e noutro lado há ovelhas sem um pastor. Santos e Silva de forma alguma, pelo seu pensar radical e inconformista poderá ir pastorear uma Igreja Lusitana. De maneira que irei eu com prazer acupar o lugar de ministro desta Igreja e o Pastor Santos e Silva irá tomar o meu na Igreja Presbiteriana». Eram assim os homens nos fins do século passado.

D. Joaquim foi colocado na Igreja de S. Paulo (hoje catedral) em Lisboa, sita no extinto convento dos Marianos, em 5 de Janeiro de 1899 e pastoreou esta congregação até ao fim da sua vida durante 38 anos, sendo director do Colégio Evangélico Lusitano durante o mesmo espaço de tempo. Este colégio teve um papel preponderante na educação de milhares de crianças do Bairro de Santos-o-Velho, com uma fama que ainda hoje perdura. Foi auxiliado enormemente por sua dedicada esposa, excelente professora e educadora prestigiosa, muito conhecida nos meios escolares oficiais desta cidade. Eram proverbiais as festas infantis realizadas neste colégio, pelo sentido pedagógico, ao mesmo tempo artístico, e pela seriedade profissional com que eram organizadas.

Em 9 de Maio de 1905, sendo secretário do Sínodo, foi eleito seu presidente por morte do então presidente, rev. Cândido de Sousa.

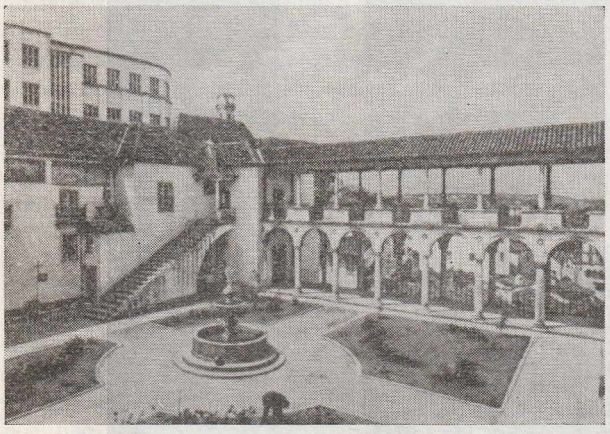
Foi presidente da Aliança Evangélica Portuguesa, desde a sua fundação em 1919 até ao ano de 1925, sendo a sua acção caracterizada por um bom entendimento entre todas as denominações evangélicas. Foi nessa altura que começaram a apelidá-lo de «Homem da Paz», pela forma como aplanava as dificuldades e as resolvia num sentido pleno de amor cristão e caridade evangélica. Foi caracterizada a sua acção por um bom entendimento entre todas as denominações e por um espírito ecuménico de larga projecção. A A. E. P. era então de base confederativa eclesiástica e não, como hoje é, de base puramente individual.

Depois da Grande Guerra foi criado em Portugal o «Concelho Nacional da Paz», organismo dependente da «Aliança Internacional para a Paz do Mundo por Meio das Igrejas», de que foi seu presidente até ao seu falecimento. Representou o nosso país nos congressos desta organização em Estocolmo, em Praga e Cambridge. Em Praga, foi convidado pelo comité executivo, para orador oficial num dos cultos inaugurais.

Em 22 de Junho de 1922, na reunião sinodal, realizada na cidade do Porto, foi eleito Bispo da Igreja

Lusitana. Infelizmente não chegou a ser sagrado. Ainda que em certos meios da comunhão anglicana houvesse interesse em sagrar um Bispo português, houve ainda naqueles tempos, por parte doutros sectores, um certo restringimento que não se conseguiu vencer até à sua morte. Presentemente todas as dificuldades foram vencidas e já foram sagrados 2 bispos portugueses, da Igreja Lusitana, estando presentes, na sagração do último, 6 bispos oriundos de diferentes partes do mundo, comprovação do reconhecimento internacional da Igreja Lusitana, como Católica e Apostólica, ainda que Reformada, Evangélica.

Polemista distinto e jornalista de fôlego, deixa uma obra importante espalhada em diferentes jornais. Em Coimbra, juntamente com António José d'Almeida, Magalhães de Lima e outros vultos da época, escreveu durante largo tempo para o jornal republicano «O Alarme». Colaborou activamente nos jornais evangélicos «O Evangelista», «O Bom Pastor», «Luz e Verdade», «Portugal Evangélico» e «Portugal Novo». Foi director do jornal da Igreja Lusitana «O Cristão Lusitano». Os seus artigos sempre de oportunidade jornalística eram muitas vezes transcritos para outros jornais. Vernaculista ilustre, o seu estilo era sóbrio, claro, dum cunho de sinceridade que atraía, sugestionava. Ainda hoje são lidos com prazer e muitos têm sugerido que deles se possa fazer uma colectânia, pois o tempo não destruiu a oportunidade do muito que escreveu.



Paço Episcopal de Coimbra, hoje Museu Machado de Castro, onde D. Joaquim teve as conferências com o Bispo — Conde

Era também um pregador conceituado. Os seus sermões constituiam sempre verdadeiras lições. Muitas vezes na província, onde havia pequenas missões da Igreja Lusitana, saía fora para o campo aberto, pregando ao ar livre a multidões que o escutavam com atenção e prazer. Aconteceu que, em 9 de Março de 1921 (10) em Alcácer-do-Sal, quando realizava uma destas pregações, foi preso, por julgarem que estava realizando um comício contra a República. Às autoridades, afirmou com firmeza que o cristianismo que anunciava consolidava Repúblicas e Monarquias, desde que o povo seguisse com rigor os seus princípios. A sua prisão não se manteve.

Foi traductor de algumas obras de vulto tais como o «Dicionário Bíblico Universal» de Buckland» e a «História, Doutrina e Interpretação da Bíblia» de Joseph Angus, e foi um dos revisores da tradução da Bíblia Portuguesa de Almeida numa das últimas edições.

Escritor profundo, deixou várias obras, entre elas: Cristianismo e Ultramontanismo (1892); Jesuitas e Protestantes (1893); Factos mais notáveis da Igreja Lusitana (1909); Do Ateísmo (1909); Será o fim da religião? (1910); A Igreja Romana não pode ser Igreja Nacional (Polémica com o dr José Maria d'Alpoim); A desnacionalização protestante e o Nacionalismo da Igreja Romana... (1919); os Milagres de Lourdes (1925).

Como Bispo-eleito da Igreja Lusitana orientou e dirigiu a Igreja dentro dos princípios dos seus restauradores em 1880. Era simples no trato, mas enérgico quando tinha de tomar decisões. Profundamente liberal e democrático tinha o receio do clericalismo e desejava sempre ver o povo tomar interesse nas discuções sinodais, procurando sempre dar-lhe a noção da sua responsabilidade e da sua presença na Igreja como parte activa e não como espectador. Foi sempre uma das suas preocupações de que bastas vezes fazia transparecer nas suas palestras, nos seus sermões, reflexo, sem dúvida, do que sofreu anteriormente.

Foi fiel e coerente até ao fim.

Em 18 de Agosto findou-se serenamente, como serena era a voz do seu espírito. Na tarde desse dia, um dos seus filhos, encontrou-o pensativo e triste, sentado no seu cadeirão do costume. A sua doença era daquelas que não perdoava. Seu filho sabendo-o, falou com ele, e para o preparar fez transparecer a gravidade do seu estado... «Eu sei... eu sei», respondeu abrindo os olhos até então semicerrados. «Estou pronto a partir, quando Deus assim o desejar. Que se faça a Sua Vontade»!

Horas depois tinha existido e começava a viver para a posteridade pelo seu exemplo, pelos seus escritos, pelo valor que empregou na luta pela Fé, pela convicção profunda que o movia sempre numa coerência perfeita.

(1) — «A minha primeira Bíblia» — Portugal Novo — 1/X/1936.

(2) — «O primeiro passo para a Igreja Evangélica — Portugal Novo — 1/XI/1936.

(3) — Artigo publicado no Portugal Evangélico em 1937, por ocasião do Jubileu da Igreja Metodista em Portugal.

(4) — «Foi isto há 40 anos.» — Portugal Novo — 1/III/1932.

(5) — «No caminho da Igreja Evangélica» — Portugal Novo — 1/II/1936.

(6) — «O Alarme» — Jornal Republicano de Coimbra, publicado em 1891 e 1892. (Pode ser consultado na Biblioteca Municipal desta cidade).

(7) — «Cristianismo e Ultramontanismo» — pág. 28. Porto — 1892.

(8) — «O Alarme» — 28 de Fevereiro de 1892.

(9) — «Cristianismo e Ultramontanismo» — pág. 1.

(10) — «Diário de Notícias» — 11 de Março de 1921.

Grandeza de Alma

Luiz Veuillot, que viveu de 1813 a 1883, deixou-nos este sábio conselho: Se Deus te disser: Qual é o dom que desejas? Como em justiça só se deve pedir o que em nós, pode ser útil aos outros, responde sem medo:

— Senhor, grandeza de alma!

É a grandeza da alma que te fará desculpar as pequenas faltas e te ensinará a perdoar as grandes ofensas; é ainda a grandeza de alma que te porá nos lábios boas palavras e te facilitará as boas obras e, muito particularmente, a melhor e a mais difícil de todas, que consiste em suportar com paciência os defeitos dos outros.

Recordando...

Ao longo da vida vai a memória armazenando factos que, quando recordados, nos transportam ao passado e nos colocam como que em contacto com as coisas e na convivência das pessoas.

Pois, socorrendo-nos da memória, lembramo-nos nesta ocasião de alguém que, com propriedade e sem receio de desmentido, podemos designar como «um homem de Deus»: o rev.mo D. Joaquim dos Santos Figueiredo, Bispo-eleito que foi da Igreja Lusitana.

Desde rapazinho que o conhecíamos; os anos foram passando; assistimos ao embranquecimento da sua barba em leque, mas é interessante que apesar das alterações produzidas pelo tempo sempre o conhecemos «igual a si mesmo».

Raríssimas foram as 4.as-feiras que, durante anos, o não tivéssemos visto a assistir ao culto na paróquia de S. Pedro. E, como nesse tempo, havia o bom hábito de às 5.as-feiras irmos à paróquia de S. Paulo, víamo-lo duas vezes por semana, pelo menos.

Se era inverno e fazia frio, era de contar que à saída dos Marianos D. Joaquim pegava na mão dos rapazes e com eles dava uma corrida no adro da igreja, batendo com os pés a fim de, dizia ele, os aquecer.

Nunca notámos que a mocidade se esquivasse do bom Bispo; pelo contrário. Observávamos que a juventude o procurava, pois sabia-se que tinha sempre uma palavra agradável para lhe dizer. A afabilidade era uma das características que atraía todos a si.

Os rapazes de então quando se queriam referir a D. Joaquim usavam muitas vezes a designação de «Senhor da Paz». E havia lógica neste modo de apelidá-lo, pois provinha da observação das suas qualidades e conduta.

Certa ocasião um grupo de jovens que organizou umas festas de beneficência cristã, foi impiedosamente censurado por alguém que não concordou com determinado caso, aliás sem importância. No entanto, os termos em que foi feita a censura provocou nos tais jovens um estado de exaltação e preparavam-se para estabelecer polémica com quem os tinha molestado. D. Joaquim logo que teve conhecimento do caso, avistou-se com os ofendidos e de tal maneira lhes falou e tais conselhos lhes deu que aquela tempestade prontamente se desfez, mercê da intervenção calma e criteriosa do nosso bem-amado Bispo.

Também tivemos ocasião de apreciá-lo no árduo e espinhoso lugar de Presidente do Sínodo da Igreja Lusitana.

Lá o vimos a conduzir aquelas Assembleias que tinham sobre si grandes e graves problemas a resolver. Mas Deus lhe conferira um dom muito especial para dirigir os trabalhos sinodais! Sem nunca deixar de reconhecer a liberdade de discussão dos assuntos, sabia no entanto intervir a tempo quando se verificava algum desvio inconveniente à boa ordem e resultado dos trabalhos. E não vá supor-se que alguém se melindrava com as intervenções súbitas da presidência; antes a louvavam e agradeciam.

Foi um homem bom, simples e modesto, mas bom, simples e modesto sem afectação para que estas virtudes não viessem a converter-se em vaidade, defeito que não tinha e até combatia.

Por tudo o que foi e fez, recordamo-lo com imensa e sincera saudade.

J. F. S. J.

Reunião Sinodal

Decorreu com a maior elevação a reunião do Sínodo Geral da Igreja que se realizou nos dias quatro e cinco do passado mês de Outubro, na Catedral de S. Paulo, em Lisboa.

Nos dois dias, os trabalhos foram precedidos por celebração da Sagrada Eucaristia no Altar principal, presidida pelo rev.mo Bispo, acolitado pelo Deão e pelo Coadjutor secular.

As sessões de trabalhos tiveram lugar na Capela de S. Lucas, sobre cujo Altar a Bíblia aberta recordava a todos os membros do Sínodo, que tanto eles como toda a Igreja, estavam e estão, sob o julgamento da Palavra de Deus.

Membros do Sínodo no adro da Catedral

O discurso episcopal de abertura versou sobre «Meios de Comunicação».

O Sínodo tomou conhecimento com regozijo de que estava definitivamente constituído o Conselho de Bispos e de que fora dias antes assinada em Viena a Concordata de Plena Comunhão entre a Igreja Lusitana e as Igrejas da União de Utreque ou Comunhão Velho-Católica, Concordata que o Sínodo em sua reunião anterior unanimemente aprovara.

A proposta da Comissão Permanente de que o Sínodo manifestasse a sua inteira adesão à doutrina exposta na Carta Pastoral do Senhor D. Luís, publicada em 1964, foi plenamente aprovada.

A petição da Junta Paroquial de S. João Evangelista, após fraterno, calmo e compreensivo diálogo, foi retirada pelos peticionários e substituida por outra, redigida em termos distintos, a qual foi gostosamente deferida por unanimidade.

Entre outras decisões, foi resolvido aprovar o novo Estatuto do Leitorado (o «Leitor leigo» ou «Leitor litúrgico» passa agora a chamar-se simplesmente «Leitor»), assentar sobre a interpretação de certos cânones e fazer uma revisão dos novos cânones, que deverá ser aprovada pelo Sínodo em sua próxima Reunião, antes de ser apresentada ao Conselho de Bispos para ouvir o seu parecer.

O Sínodo ouviu também com o maior interesse o relato feito pelo rev. Arcipreste, dr Pina Cabral, da sua visita à Paróquia de Cristo-Rei, a nova paróquia, organizada no começo deste ano em Luanda, trabalho que tão prometedor se apresenta.

Pela primeira vez houve permissão para assistirem às sessões, membros de Juntas Paroquiais, Evangelistas e outros, que manifestaram o desejo de estar presentes e que ficaram profundamente impressionados.

Vidas que deixam rastro

A propósito de dois Centenários

(Continuação da pág. 5)

assim como os excessos e abusos do clero, e as injustiças de que era vítima o povo, tiveram influência no Reformador da Boémia, não carece dúvidas; que o ambiente liberal e crítico, a situação político-religiosa do seu tempo exerceram sobre o espírito de D. Joaquim grande domínio, é ponto assente e incontroverso. Mas não há dúvida que foi a descoberta da Bíblia e a coerente atitude de ambos para com ela, a causa primeira, a mais forte, determinante da posição que tomaram, cuja relevante importância nunca será de mais afirmar. O que depois se passou na vida de cada um deles não é mais do que consequência inevitável (Act. 26. 19).

Em segundo lugar, firmeza de convicções e de carácter.

Ao ler alguma coisa da vida das personagens que ocupam neste momento a nossa atenção, nota-se que tanto um como o outro eram firmes em suas convicções e impolutos em seus caracteres. Eram homens de rija têmpera dos quais se pode dizer com verdade: «de antes quebrar que torcer». E essa atitude neles, que aliás faz parte do seu carácter, não é mera teimosia ou caturrice. São e procedem assim porque estão cônscios de que a razão está do seu lado. O termo «*Protestatio*» nas suas bocas e atitudes toma o lugar que de facto deve ocupar na vida de qualquer cristão. «Protestam» no sentido de afirmar as verdades eternas do Evangelho; e «protestam contra» tudo o que não tem fundamento no Evangelho ou a ele se opõe, ou seja, contra tudo o que é fruto da ignorância, fanatismo e superstição.

Ambos apontaram defeitos que era preciso modificar, erros que era mister corrigir. Ambos receberam propostas para se retractarem. E ambos tiveram coragem de dizer ***não:*** um morrendo mártir na fogueira, selando a sua fé com o seu sangue; outro renunciando à vida fácil e vantajosa do seu curato, deixando a terra onde tinha os seus amigos e família, seus discípulos, enfim, tudo quanto podia desejar para viver còmodamente. Se para morrer por uma causa é preciso amá-la, também para viver por uma causa é preciso estar disposto a deixar-se sacrificar. Deus, e só Deus sabe, qual será a posição mais difícil.

«O homem» — dizia certo Professor — «tem dois pontos vulneráveis: a sua fé e a sua bolsa. Se lhe tocam num deles...» Santos Figueiredo, não permitiu que lhe tocassem na consciência, antes quis que lhe tocassem na bolsa. Mas não se trata apenas da bolsa, ele teve de renunciar à sua posição social, ao prestígio de que gozava. A tudo isto deu de mão, quando se tornou incompatível com a sua consciência continuar na Igreja onde até então militara. Quantos de nós hoje, uma vez convencidos de que a verdade está de outro lado, teríamos a coragem de «arriscar» a nossa vida deixando tudo?

Em terceiro e último lugar, a liberdade de consciência.

Este é ainda um ponto comum a João Huss e a D. Joaquim Figueiredo. Não posso lembrar-me de João Huss sem que ao meu espírito venha que ele foi vítima do despotismo, do ultramontanismo e da intolorância religiosa, que morreu por seguir tão sòmente os ditames da sua consciência. Morreu defendendo esse direito, apanágio glorioso de todo o ser humano.

Eu sei que só é livre, verdadeiramente, aquele que segue a verdade (João 8. 32, 36). Sei ainda, parafraseando St.º Agostinho, que a verdadeira liberdade consiste na servidão a Cristo. Só é livre, verdadeiramente livre, quem serve a Cristo. E que todos têm o dever de procurar a verdade, a qual os tornará livres mas (e aqui vem um grande paradoxo, uma pedra de tropeço) depois de examinarem a verdade, ainda lhes assiste o direito de a aceitarem ou de a rejeitarem. Deus respeita a liberdade do ser humano, ficando claramente expresso que essa liberdade implica grave responsabilidade. Absolutamente, não há liberdade irresponsável. Quem escolher mal terá inevitàvelmente de assumir a responsabilidade por essa escolha.

Santos Figueiredo sempre se bateu na defesa da liberdade de consciência. Para mim é justamente neste campo que ele mais se agiganta. São dele as seguintes palavras: «*Nada pode ser mais funesto para os espíritos e mais contrário ao sistema liberal e recto do que o exercício duma autoridade tenebrosa e absoluta*». E ainda esta outra frase: «*O despotismo sempre me indignou: a sujeição cega e absoluta, contrária à liberdade individual, sempre me constrangeram. Tudo o que é agrilhoar as consciências, considero-o um crime porque Deus concedeu a todo o homem o direito de procurar a verdade para possuir a luz*».

Creio que estas palavras definem bem a pessoa que as disse.

Certamente que muito mais há ainda para dizer, porém já foi dito o suficiente para fazermos uma pequena ideia do que foram as vidas destes dois servidores de Deus, cujos centenários tão justamente se comemoram.

Saul de Sousa

LIBERDADE RELIGIOSA

Foi este um assunto debatido no Concílio e que na verdade teve uma repercussão extraordinária no Mundo. E não só no mundo católico romano como no das outras confissões religiosas cristãs e até no das não cristãs.

Todos ansiavam por uma declaração sem restringimentos, sem reticências, sem hesitações. O absoluto que nós cremos estar na essência do cristianismo, outros na ortodoxia da sua organização eclesiástica, nos dogmas, nos concílios, etc., os das religiões não cristãs estão convencidos que é na sua concepção espiritual que assenta a verdade. Será ùnicamente na liberdade de acção, pelo testemunho da doutrina, pelas obras dos homens, pelos resultados da sua ética, que a verdade se evidenciará. «Pelos frutos os conhecereis»...

Nós que nascemos e vivemos num meio da civilização cristã, que temos comparado, sentido o que de puro existe em outros sectores do pensamento, concluímos que em Cristo crucificado, no Seu Evangelho de Amor, está o Caminho, a Verdade e a Vida. Temos um longo caminhar através do sacrifício do povo de Deus, em Israel; através de dois mil anos de cristianismo. E entre as faltas dos homens, os seus desvios, a sua resistência à obra divina, a sua relutância em obedecer aos desígnios de Deus, vemos a obra do Espírito Santo, vemos no profundo da História, no mais recôndito da nossa consciência, a mão do Criador e o poder da Providência.

E mais! Somos impelidos pela força da Sua Verdade, a movimentarmo-nos diàriamente num só sentido. Mas este sentido será o resultante de diversas influências, que tendo o mesmo fulero, são conduzidas ao fim e ao cabo na direcção única do Reino de Deus, neste caminhar longo da Humanidade.

Pela Verdade Cristo nos libertará (S. João 8. 32). Nos libertará dos ídolos, nos libertará de dúvidas. Nos libertará das falsas doutrinas. Nos libertará das superstições, de concepções erradas. Nos libertará do mal.

Vemos que na substância da vida está a liberdade da alma e o Amor. Nisto se resume toda a lei da Palavra de Deus.
Não era pois sem razão que o mundo todo esperava ardentemente pela declaração do Concílio sobre tal ponto básico no futuro desta Humanidade que hoje sofre perseguições, injustiças, fome, desespero...

E a declaração veio de molde a satisfazer, até certo ponto, ainda que dando lugar a críticas por parte dos observadores não católicos romanos por não ser completamente o espírito moderno, o desejo das novas gerações que desabrocham para a vida, com uma ideia mais longa e objectiva da doutrina de Cristo.

Foi assim que Mgs. Rupp, bispo de Mónaco nos diz: «Le schéma correspond à une conception libérale de la liberté qui porte la marque du siécle dernier. C'est une grave erreur car les jeunes ont largemente dépassé cette mentalité. Celà risque de faire dire qu'une fois de plus, l'Église est en retard d'une idée, d'une réforme, d'une révolution» (Soepi n.º 33 de 23-10-1965, pág. 10).

Só a «Liberdade Religiosa» pode orientar o Mundo e dar-lhe a Verdade que Cristo nos revelou. E não são só os católicos romanos que dela necessitam nos países em que tanto têm sofrido. Precisam

(Continua na pág. 19)

O XIX CONGRESSO VELHO-CATÓLICO

Realizou-se em Viena, de 22 a 27 de Setembro último, o XIX Congresso Velho-Católico.

Estes congressos que foram iniciados por Dölinger em 1874 e têm sido de grande importância na formação e expressão do pensamento do Movimento Velho-Católico, realizam-se actualmente de 4 em 4 anos.

Pela segunda vez a Igreja Lusitana esteve representada. Em 1961 no Congresso que teve lugar nesse ano na Holanda, representou oficialmente a Igreja, o rev. dr Daniel de Pina Cabral.

O Congresso, como é habitual, foi precedido pela Conferência Internacional dos Bispos da União de Utreque. Os Bispos da Igreja Filipina Independente, da Igreja Espanhola Reformada e da Igreja Lusitana, foram convidados a assistir à conferência. Na reunião da manhã do dia 27, foram assinadas as Concordatas de Plena Comunhão entre as Igrejas Velho-Católicas, e as Igrejas acima mencionadas, nos termos da Concordata de Bonn, firmada entre as Igrejas Velho-Católicas e a Igreja de Inglaterra em 1930.

Entrega oficial do documento da Concordata

A jubilosa notícia deste acontecimento histórico, só foi tornada pública no dia 28, na primeira sessão do Congresso. Na mesma ocasião, o Arcebispo de Utreque, Primaz da Comunhão Velho-Católica, fez entrega solene aos Bispos das Igrejas respectivas, das Actas das Concordatas, em pergaminho, assinadas em nome da União de Utreque, pelo seu Primaz e pelo Secretário da Conferência Episcopal, Mgr. Köry, Bispo da Igreja Velho-Católica da Suiça.

Pela primeira vez houve no Congresso Velho-Católico observadores Católicos Romanos, verdadeiro «sinal dos tempos»... Foram eles, o Prof. Groot, o Prof. Conzemius e um sacerdote diocesano belga.

O Prof. Groot é um «veterano» do ecumenismo Católico Romano, isto é, foi um dos cinco observadores nomeados em 1961 pelo saudoso Papa João XXIII para a III Assembleia do Conselho Mundial das Igrejas; tínhamos sido companheiros de grupo, numa das secções em Nova Delhi, e foi muito agradável tornar a encontrá-lo. Representava o Cardeal Bea, do Secretariado para a Unidade e do qual leu expressiva e tocante mensagem, havendo tomado parte no pontifical com que se abriu o Congresso, revestido de sobrepeliz e estola e caminhando na procissão no meio dos Presbíteros Velho-Católicos. O Prof. Croot é perito do Concílio e colaborador da revista Concilium, de Católicos Romanos progressivos, a qual se edita também em português, revista que desejaríamos fosse lida não só por todos os nossos clérigos, como também pelos leigos com gosto pelos estudos teológicos.

O Prof. Conzemius, actualmente Professor na Faculdade de Teologia de Dublin, está a fazer um profundo estudo de Döllinger e da sua obra; o trabalho que leu numa das sessões do Congresso, era notável pela sua profundidade e abertura.

Estiveram também representados no Congresso, o Conselho Mundial das Igrejas e a Comunhão Ortodoxa, esta última por cerca de dez Prelados. O Patriarca Ecuménico, o Patriarca Aleixo, de Moscovo, e o Arcebispo Crisóstomo, Primaz da Grécia, enviaram mensagens especiais, que foram lidas pelos Bispos que os representavam.

Um pormenor curioso: Os sacerdotes da Igreja Velho-Católica Austríaca, *não* usam o colarinho eclesiástico habitual, criação romana relativamente recente e inexplicàvelmente adoptada não só pelos Anglicanos como também por muitos pastores Protestantes especialmente ingleses, modelo a que também não escapámos na Igreja Lusitana, embora os nossos Pais de 1880 o não usassem; foi na Austria substituído por colarinho branco de tipo civil normal, tendo por gravata um peitilho preto. Fui informado de que muitos sacerdotes austríacos da Igreja Romana estão a adoptar o mesmo tipo de indumentária... O Bispo Austríaco Mgr. Török, figura ascética e veneranda que irradia bondade, anda *sempre* de gravata preta como qualquer leigo, sobre a qual brilha ocasionalmente a corrente da cruz peitoral extremamente simples.

O ASSENTO VAZIO

«...não te acharão no teu lugar, pois o teu assento se achará vazio» — I Samuel 20. 18.

O assento vazio possui uma língua eloquente. A sua mensagem, apesar de não ser agradável, pode ser ouvida por todos.

Ao PREGADOR, o assento vazio diz: «O teu sermão não tem muito interesse».

Ao VISITANTE, segreda: «É melhor não voltares; não existe aqui qualquer atracção».

Ao TESOUREIRO, grita: «Um défice está iminente!»

Aos MEMBROS presentes, sugere: «Por que não faltas também no próximo domingo?»

O assento vazio é um protesto contra a realização das reuniões, quebra a inspiração, mata o zelo. O crente que falta aos cultos está a dar o seu voto para que as portas da Igreja se fechem.

PELA IGREJA

(*Continuação da pág. 20*)

altura, uma outra pessoa que já havia sido confirmada na Comunhão Romana.

Visita Episcopal

Nos domingos 11 de Julho e 5 de Setembro, tivemos a honra da presença do senhor D. Luís, que neste último dia celebrou.

Obras

Em virtude do prosseguimento das obras de remodelação do templo e anexos, os Cultos, estão a ser realizados no salão paroquial, para este fim adaptado a Capela. Regista-se o facto de a assistência, a partir de então, ter aumentado consideràvelmente, talvez movida por curiosidade.

Paróquia de Cristo-Rei
Luanda

Evangelização entre as crianças

Tem merecido especial atenção ao Pároco, o trabalho de evangelização das crianças, que tem lugar às quartas e sextas-feiras da parte da tarde.

Sociedade de Senhoras

Num espírito de compreensão e no desejo de ajudar alguém, a Sociedade de Senhoras desta Paróquia reune-se 4 vezes por mês, durante algumas horas, ocupando este tempo na feitura de alguns trabalhos para pobres.

Reunião Social

Com a finalidade de desenvolver um maior espírito de camaradagem e conhecimento mútuo, o Pároco iniciou uma série de reuniões de convívio social, tendo a primeira sido realizada em sua casa na tarde do Domingo da SS. Trindade.

Paróquia de S. Mateus
Vila Franca de Xira

Festa das Colheitas

Celebrou-se, com grande regozijo, a Festa das Colheitas, nos dias 12, 17 e 21 de Outubro p. p., pregando no primeiro e último dias, nas missões de S. Marcos e de S. Tomé, o Bispo Diocesano, e no dia 17, na igreja paroquial, o rev. António José Dimas Almeida, da Igreja Presbiteriana.

Dia da Reforma

No dia 31 de Outubro, às 21 horas, assinalando o aniversário da Reforma Religiosa do século XVI, houve um Culto evocando esse acontecimento histórico-religioso, em que se lembrou a necessidade do espírito de constante reforma e renovação na Igreja — *Reformata Semper Reformanda*. O Sermão foi pregado pelo rev. Josué Ferreira de Sousa Jr., Pároco da Igreja de S. Pedro, em Lisboa.

Dia de todos os Santos

No dia 1 de Novembro, às 21 horas, numa reafirmação de Fé na «Comunhão dos Santos», muitos dos nossos fiéis juntaram-se ao redor da Mesa do Senhor, para celebração da Santa Eucaristia, em que concelebraram o rev. João Soares de Carvalho, Deão da Catedral de S. Paulo, em Lisboa, e o Pároco de S. Mateus. A Homilia foi feita pelo visitante.

Dia dos Fiéis Defuntos

No dia 2 de Novembro, às 21 horas, em testemunho da fé de que são «bem-aventurados os mortos que dormem no Senhor» e como afirmação da gloriosa esperança da Ressurreição para a Vida Eterna, realizou-se um Culto de Saudade, em que foram lembrados os membros desta família paroquial, que Deus chamou para Si. O Sermão foi proferido pelo preg. José Carlos Gonçalves, Coadjutor da Igreja de Cristo Remidor, em Alcácer do Sal.

IGREJAS DE MADEIRA

No número de Novembro do Boletim da Diocese, o Arcebispo de Cantuária escreve sobre a construção de novos templos nas regiões em rápido aumento urbano e populacional. Depois de enumerar alguns dos elementos a ter em conta nos projectos de construção, o Arcebispo Ramsey lembra que «um sacerdote trabalhando com um grupo de leigos hábeis pode ser mais importante que a construção de templos».

«E quanto aos edifícios, gostaria de ver mais igrejas feitas de madeira. São menos dispendiosas. Adaptam-se melhor às regiões cuja variação demográfica e industrial é dificilmente previsível a longo praso. Podem ter grande beleza, como já verifiquei em muitos locais e a sua duração é maior do que geralmente se pensa».

Embora os templos de madeira sejam excepcionais em Portugal, ao contrário do que sucede, por exemplo, na Escandinávia, a sugestão do Arcebispo de Cantuária poderia aplicar-se, nas áreas missionárias, da Igreja Lusitana, onde por vezes, a falta de templos próprios se tem feito sentir de maneira aguda.

«Portugal Evangélico»

Fomos agradàvelmente surpreendidos, com o último número deste Mensário Evangélico, que passou a ser órgão oficial da Igreja Evangélica Metodista Portuguesa e da Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal.

O «Despertar» felicita sinceramente o seu Prezado Colega «Portugal Evangélico», desejando-lhe muitas bênçãos de Deus no seu novo rumo.

LIBERDADE RELIGIOSA

(*Continuação da pág. 17*)

dela para seu aperfeiçoamento os países protestantes, os países ortodoxos, e os países onde germinam as teorias materialistas. Estes só podem ser benèficamente influenciados se sentirem sèriamente o respeito pelo testemunho dos Cristãos, pela sua acção, pelo seu sacrifício. Têm eles perseguido, maltratado, injuriado os que crêem em Deus? Como lhes podemos mostrar o seu crime contra a Humanidade? Como lhes podemos fazer frente evidenciando a sua ignomínia?

A resposta não é difícil de dar. Oiçamos o que Mgr. de Smedt, bispo de Bruges, numa conferência em Roma, diante de muitos bispos, declara com ênfase e com energia: «Que je sois athée, hindouiste, protestant, orthodoxe ou catholique, j'at le même droite à ça que les autres, c'est-à-dire l'État, les groupes et les particuliers, n'interviennent pas pour entraver l'exercice de mes convictions».

O Cardeal Beran, arcebispo de Praga, que tanto sofreu a intolerância comunista, falando pela primeira vez depois da sua libertação contou a sua comovedora experiência: «Desde o dia em que observei que a liberdade da conciência estava abalada na minha pátria, notei entre os meus fiéis e os meus padres grandes perigos para a sua fé, tentações de mentira e de hipocrisia que colidiam com a moral. A Igreja Católica do meu país, está hoje a pagar a sua intolerância de outros tempos, a fogueira de João Huss, a perseguição da Boémia. Estes precedentes mostram-nos que devemos, sem restrição, proclamar a liberdade de conseiência e votar o texto sem modificações. Isso poderia levar os estados a respeitar, também, esta liberdade de consciência e poderemos pedir que os bispos e padres presos sejam libertados, as ordens religiosas reconduzidas às suas actividades e os fiéis livres de praticar a sua religião». (De «O Século» 21-5 1965).

Graças a Deus que o que foi votado nos deu a certeza duma mais larga concepção de liberdade. As grandes linhas do esquema foram aprovadas por 1997 votos contra 224 e uma abstenção. Estas serão depois redigidas em definitivo de harmonia com as sugestões dadas então.

Este esquema compõe-se duma *declaração*, de *duas partes*, consagradas, uma à Doutrina da Liberdade Religiosa tirada da razão; outra à Doutrina da Liberdade Religiosa à luz da Revelação; e por último duma *conclusão*.

De acordo com a declaração, o direito à liberdade Religiosa funda-se sobre a dignidade da pessoa. Esta liberdade consiste em que ninguém pode ser obrigado a agir contra a sua consciência, nem impedido a agir segundo a sua consciência por nenhum poder humano. Esta liberdade deveria ser jurìdicamente garantida na Sociedade.

Esta declaração foi vivamente aplaudida por numerosos dirigentes das Igrejas e de organizações judaicas.

Esperemos que a redacção definitiva seja feita de molde a pôr de parte quaisquer limitações que a primeira redacção fez suscitar no espírito de muitos, dando azo a discussões várias e a desapontamentos de alguns.

A nós cabe-nos dar graças a Deus pelo que este Concílio realizou de positivo e orar por que no final o Mundo tenha visto nele o espírito de Deus.

Paulo Agostinho

PELA IGREJA

Panorama Ecuménico

Visita de M.me Chasles

Esteve entre nós, durante alguns dias, a conhecida escritora francesa, M.me Madeleine Chasles, que se tem devotado, desde há alguns anos a esta parte, de modo apaixonante, à causa do Ecumenismo. No dia 3 de Maio fez uma Conferência na Catedral da Igreja Lusitana. Também no dia 5 do mesmo mês, na Igreja de S. Mateus, discorreu sobre a «Segunda Vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo». Os que tiveram o prazer de a ouvir ficaram entusiasmados com a profundidade dos seus conhecimentos bíblicos e sua larguesa de vistas.

Visita do Irmão Frank de Taizé

A convite dos organizadores da Semana Missiológica do Pentecostes, Padres do Espírito Santo e da Companhia de Jesus, veio a Portugal, para participar nela, o Irmão Frank da Comunidade Protestante de Taizé. Se bem que especialmente convidado para fazer parte daquela série de Conferências da Igreja Católica Romana, no entanto aproveitou a oportunidade para contactar com outras Igrejas. Assim, pregou na Igreja Presbiteriana da Rua Tomaz da Anunciação, assistiu a uma sessão do Sínodo da Igreja Presbiteriana, e pregou ainda na Igreja de S. Mateus. A sua mensagem simples, profunda e tocante, era toda ela baseada na paz e no amor que há-de reunir os cristãos.

Inauguração dum Centro Ortodoxo em Taizé

No domingo, 29 de Agosto, p. p., dia em que a Comunidade Protestante de Taizé celebrou o 25.º aniversário da sua fundação, foi também solenemente dedicada uma Capela Ortodoxa, perto da Igreja da Reconciliação, onde os Irmãos de Taizé celebram diàriamente os seus Ofícios. À inauguração compareceu numerosa representação de Cristãos Ortodoxos, Católicos Romanos e Protestantes. As cerimónias da inauguração e do Jubileu de Taizé foram largamente radiodifundidas e televisionadas.

Bíblia Ecuménica em espanhol

Após haver sido anunciado que uma Bíblia ecuménica de língua francesa estava a ser preparada, informa o rev. dr M. Guttierez Marin, Presidente da Igreja Evangélica de Espanha, que Católicos e Protestantes da Espanha e da América Latina, preparam igualmente uma tradução comum da Bíblia. Da comissão encarregada de preparar este trabalho fazem parte quatro religiosos, Franciscanos e Dominicanos, e três teólogos Protestantes.

União de Igrejas na Nigéria

O Bispo Odutola, da Igreja Anglicana de Ibaden, foi nomeado Moderador da Igreja Unida da Nigéria, a qual deve ser inaugurada em Dezembro, e que reunirá pela unificação do Ministério à base do Episcopado histórico as Igrejas Anglicana, Presbiteriana e Metodista da Nigéria.

Visita do P. Parsell

De passagem pelo nosso país, esteve entre nós o rev. P. José Parsell, O. H. C., da Igreja Anglicana nos Estados Unidos, que participou no Culto de Matinas na Catedral de S. Paulo, Lisboa, no dia 22 de Agosto, e celebrou em inglês às 8.30 h. da manhã em S. Mateus, onde também pregou, naquele mesmo dia, à Eucaristia vespertina.

Esforço Cristão

Realizou-se de 2 a 6 de Setembro findo, em Barcelona, a XV Convenção do E. C. Espanhol, com a Conferência anual da Área II que compreende a Europa, Ásia e Médio Oriente. A União Portuguesa do Esforço Cristão (UPEC) foi representada pelos revs. Agostinho Arbiol e Venâncio de Oliveira, respectivamente presidentes da Direcção e da Assembleia Geral. O rev. Arbiol apresentou o relatório da U P E C e pregou na sessão de encerramento, que teve lugar na Igreja Metodista da Calle Tiers. E noutra ocasião pregou o rev. Venâncio de Oliveira na Igreja Espanhola Reformada de Barcelona.

Notícias Paroquiais

Paróquia de S. João Evangelista
Vila Nova de Gaia

Excursão

Promovida pela liga do Esforço Cristão de Gaia, anexa a esta Paróquia, realizou-se no dia 10 de Junho, uma excursão à cidade de Vigo, na vizinha Espanha, começando a concentração na igreja às 5.30 h., onde teve lugar um Culto de oração, pedindo a bênção de Deus para a viagem. Do programa também fez parte um breve momento devocional numa capela evangélica de Vigo. A viagem foi a todos os títulos muitíssimo agradável.

Realizou-se também este ano o passeio da Escola Dominical, aos Carvalhais; e o passeio da União Feminina ao Luso.

Visitantes

Além do rev. Arcipreste, dr Daniel de Pina Cabral, que em razão do seu cargo visita esta Paróquia de vez em quando, houve também as visitas do rev. dr Manuel Conceição Jr., da Igreja Presbiteriana, e do rev. Leslie Pick, da Igreja Baptista.

Festa das Colheitas

No domingo 17 de Outubro celebrou-se a Festa das Colheitas, cujo produto reverteu a favor dos pobres de Gaia, sendo pregador nessa festividade o rev. Arcipreste, dr Daniel de Pina Cabral.

Paróquia do Salvador do Mundo
Prado — Vila Nova de Gaia

Bazar

Em benefício da Escola Primária desta Paróquia, houve no dia 3 de Setembro um bazar que, graças à compreensão e espírito de sacrifício dos seus membros, teve resultado muito animador.

Compromisso de honra

O Grupo 41 de Escuteiros, anexo a esta Paróquia, teve a satisfação de receber 7 novos aspirantes que, no Culto matutino do dia 30 de Maio, fizeram o seu compromisso de honra, ficando assim o grupo com 38 filiados.

Esforço Cristão

14 jovens, durante muito tempo, estiveram ocupados no ensaio de 4 pequenas peças teatrais, uma das quais é da autoria do saudoso presbítero, rev. Artur Pereira de Araújo. A exibição agradou a todos quantos tiveram a oportunidade de a ela assistirem.

Confirmações

Numa das suas visitas pastorais ao Norte, administrou o nosso Bispo a Confirmação a 5 novos catecúmenos, que há muito desejavam ser admitidos à plena Comunhão da Igreja.

Paróquia do Redentor
Porto

Confirmações

No exercício de seu munus episcopal, esteve connosco nos dias 20 de Junho e 24 de Outubro, p. p. o senhor D. Luís, Bispo Diocesano da Igreja Lusitana, sendo confirmados neste último dia novos membros.

Visita do senhor D. António F. Fiandor

Deu-nos a honra da sua visita, no passado mês de Setembro, o digno Antiste resignatário da nossa Igreja, senhor D. António, causando-nos, como sempre, grande satisfação a sua presença.

Paróquia de Cristo Remidor
Alcácer do Sal

Falecimento

Faleceu no passado mês de Abril, após haver recebido a Sagrada Comunhão, o membro mais antigo desta Paróquia, a sra D. Quitéria Júlia da Conceição Rato.

Baptismo

No passado dia 31 de Agosto, foi baptizada na sua residência, em virtude da sua adiantada idade (85 anos), a sra D. Laura Beatriz de Carvalho, que aguarda ansiosa o dia da sua Confirmação.

Paróquia da Catedral de S. Paulo
Lisboa

Instituição

No dia 13 de Junho (Domingo da SS. Trindade), ao celebrar-se a Santa Eucaristia, o nosso Bispo ministrou a Confirmação e instituiu Leitor o sr José Luís da Conceição Rodrigues.

Paróquia de S. Pedro
Lisboa

Confirmações

No domingo, dia 30 de Maio, à celebração da Santa Eucaristia, o senhor Bispo administrou a Confirmação a dois novos postulantes, recebendo, nessa mesma

Continua na pág. 19